



Feriados Religiosos ou Dias Santos

**Será que importa quais
dias observamos?**

Feriados Religiosos ou Dias Santos

**Será que importa quais
dias observamos?**

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, editado
pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2014, 2019 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA

As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,

são extraídas da versão da Bíblia de

João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

3 Questões Importantes

5 Natal: A História Que Nunca Foi Contada

- 14 As Evidências Bíblicas Mostram que Jesus não Nasceu em 25 de Dezembro
- 15 Como o Natal Ganhou Importância
- 16 O Natal e a Bíblia
- 17 **O Domingo de Páscoa: Disfarçando Uma Verdade Bíblica**
- 28 A Cronologia Bíblica do Enterro e Ressurreição de Jesus Cristo
- 30 A Ligação com a Ressurreição
- 33 Os Símbolos da Fertilidade: Inferiores à Nobreza de Deus
- 34 **Os Dias de Deus Para Sua Adoração**
- 38 As Festas de Deus no Novo Testamento
- 40 E quanto ao Dia de Ação de Graças, ao Hanuká e ao Purim?
- 41 **Isto é Importante para Deus?**
- 48 O Dia das Bruxas (Halloween): Uma Celebração Maligna
- 50 Um Choque Cultural na Antiguidade
- 51 O Prazer em Obedecer a Deus

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
 ACF – Almeida Corrigida Fiel
 BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
 NVI – Nova Versão Internacional

Questões Importantes

Nós nos orgulhamos de sermos racionais, seres pensantes. Pensamos em nós mesmos como pessoas avançadas em pensamentos e ações. Tentamos ter boas razões para tudo que fazemos. Então, por que fazemos algumas coisas estranhas?

Consideremos, por exemplo, o Natal. Por que fingimos que um alegre velhinho, vestido com uma roupa vermelha, vive no pólo norte, anda por aí passeando em um trenó puxado por renas voadoras e desce pelas chaminés para deixar os brinquedos (feitos por elfos) para as crianças boazinhas numa noite de cada ano?

E na páscoa, por que fingimos que os coelhos põem ovos coloridos?

Pergunte a si mesmo: Esses mitos e costumes fazem algum sentido? Ainda assim, insistimos em continuar ensinando isso aos nossos filhos. Por estranho que pareça, também atribuímos um grande significado religioso a algumas dessas práticas. Muitas delas fazem parte da celebração dos dias mais sagrados do cristianismo tradicional.

Por que atuamos como que um homem idoso de boa disposição num terno vermelho desce chaminés para deixar brinquedos para bons meninos e meninas numa noite do ano? Por que atuamos como que os coelhos põem ovos coloridos? Pergunte a si próprio: Será que esses mitos e costumes fazem algum sentido?

Por que tantos cristãos professos, que procuram seguir Aquele que disse: “Eu sou a luz do mundo” e “quem me segue não andarás em trevas” (João 8:12), perpetuam esses costumes estranhos, cujas origens não vêm da Bíblia, mas da escuridão, das névoas sombrias da antiguidade?

E não é porque as origens desses costumes não possam ser verificadas. Muitas vezes, próximo a época desses feriados religiosos, os jornais e programas de televisão informam as origens de algumas dessas práticas. As enciclopédias e outros livros, geralmente, nos ajudam a ter uma ideia ampla desses costumes de antigas culturas. E, muitas vezes, o conceito não é nada bom.

Final, o que um homem barbudo com roupa vermelha, árvores com enfeites luminosos, ramos de visco, folhas de azevinho e velas têm a ver com o nascimento de Jesus Cristo? Por que a data de 25 de dezembro passou a ser o dia de Seu nascimento, quando a própria Bíblia em lugar nenhum informa a verdadeira data, mas, na verdade, dá fortes indícios de que Jesus *não poderia* ter nascido nessa época do ano? Estas são questões cruciais.

A verdadeira adoração a Deus

Adorar a Deus é o esforço mais nobre que qualquer ser humano pode

realizar. Cerca de três anos atrás, o rei Davi de Israel, numa ocasião alegre, ao levar a Arca da Aliança para Jerusalém, escreveu um salmo de louvor e instrução para o seu povo. estas foram suas palavras: “Dai ao SENHOR a glória de seu nome; trazei presentes e vinde perante ele; adorai ao SENHOR na beleza da sua santidade” (1 Crônicas 16:29).

Davi deu esta instrução porque só Deus personifica a santidade perfeita (Salmo 99:5, 9; Apocalipse 15:4). Parte da razão de nossa existência é adorá-Lo para sempre (ver Salmo 22:27; 86:9). A Bíblia revela o futuro para as pessoas que se recusam a honrar seu Criador. Na verdade, Ele diz que, eventualmente, “virá toda a carne a adorar perante Mim” (Isaías 66:23).

Jesus Cristo acrescenta que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em *espírito* e em *verdade*” (João 4:23-24, ênfase adicionada). Ele adverte que alguns adorarão a Deus em vão, porque as suas práticas estão enraizadas em tradições e regulamentos humanos ao invés da verdade bíblica. Ele denomina esse tipo de adoração como inaceitável e hipócrita, dizendo que tais pessoas “honra-Me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de Mim” (Mateus 15:7-9, Marcos 7:6-9).

Diante dessas afirmações e instruções bíblicas, será que importa que feriados religiosos observamos? Nosso mundo está cheio de celebrações religiosas. Entre os mais populares estão o Natal e o Domingo de Páscoa [Easter]. O Natal é tão popular que configura a base de uma parcela significativa da economia mundial. O Domingo de Páscoa e a semana Santa são frequentemente considerados tão importantes quanto o Natal, se não for mais ainda.

Mas de onde realmente vieram o Natal e o Domingo de Páscoa? A Bíblia não diz para celebrarmos estes dias, mas eles compõem uma parte importante do credo cristão. Por que são tão populares?

O que Deus acha disso?

E o mais importante, o que Deus tem a dizer sobre esses costumes? Ele quer que O adoremos da maneira que acharmos melhor? A Bíblia nos diz se Deus espera que os cristãos O adorem em dias e tempos específicos? O que podemos aprender com o exemplo de Jesus Cristo, cujos passos Deus espera que sigamos? (1 João 2:6, 1 Coríntios 11:1).

Em contraste com a celebração desses feriados populares, a Bíblia nos informa os dias específicos de adoração—“festas” anuais de Deus (Levítico 23)—as quais são desconhecidas pela maioria das pessoas. Por que estas celebrações foram substituídas?

Nas páginas seguintes, iremos comparar essas diversas observâncias com as instruções sobre a adoração a Deus que se encontra na Bíblia.

Estas são questões categóricas e de profundas implicações para o nosso relacionamento com nosso Criador. Então, vamos embarcar numa jornada histórica e bíblica para descobrir a verdade sobre os *feriados religiosos e os dias santos*. Os fatos documentados aqui proporcionará uma imensa oportunidade para a verdadeira adoração que você jamais imaginou ser possível.

Natal: A História Que Nunca Foi Contada

Quase todo mundo observa o Natal. Mas como o Natal começou a ser observado? Como os costumes e práticas associadas ao Natal fizeram dele o feriado mais popular do cristianismo tradicional?

Você sabia que a data de 25 de dezembro tem um passado duvidoso e uma história longa e controversa? Isso não devia ser nenhuma surpresa, pois o Natal e muitos de seus costumes e armadilhas populares não se encontram na Bíblia.

O ponto de vista do nosso Criador a respeito desse feriado popular é ignorado ou nem mesmo considerado pela maioria das pessoas. No entanto, devemos considerar grandemente Sua perspectiva. Vamos examinar a história do Natal e compará-la com a Palavra de Deus, ao invés de nossas próprias ideias e experiências, para descobrir Sua opinião sobre este feriado religioso quase universal.

Os historiadores nos dizem que a celebração do Natal vem de origens duvidosas. William Walsh resume as origens desse feriado religioso e suas práticas no seu livro *A História do Papai Noel*: “Lembremos que a festa do Natal . . . teve uma evolução gradual desde os tempos que antecederam, e muito, o período cristão . . . e foi sobrepondo-se aos festivais pagãos, e muitas de suas observâncias são apenas adaptações de cerimoniais pagãos para os cristãos” (1970, pág. 58).

Como essas práticas pagãs poderiam fazer parte de uma celebração da igreja dominante? Que “festas pagãs” eram essas que vieram a se tornar o Natal no decorrer dos séculos?

As antigas origens dos costumes do Natal

Durante o século II a.C., os gregos praticavam rituais em homenagem a seu deus Dionísio (também chamado de Baco). O nome latino para esta celebração era Bacchanalia. E espalhou-se desde os gregos até Roma, centro do Império Romano.

“Foi por volta de 21 de dezembro que os antigos gregos celebraram os chamados bacanais ou festas em honra a Baco, o deus do vinho. Nestas festas as pessoas entregavam-se às canções, danças e outras coisas que muitas vezes passavam dos limites da morale dos bons costumes” (Walsh, pág. 65).

Por causa das orgias noturnas associadas a este festival, o senado romano acabou com a sua observância em 186 a.C. Porém, os senadores levaram vários anos para alcançar esta meta por causa da popularidade desse feriado.



PhotoDisc

Acabar com um feriado era incomum para os romanos, uma vez que, mais tarde, Roma se tornou um crisol de muitos tipos de deuses e cultos. Assim como assimilavam a cultura, arte e costumes dos povos conquistados por seu império, os romanos também adotavam as práticas religiosas desses povos.

Além do Bacanal, os romanos celebraram outro feriado, a Saturnália, realizada “em honra a Saturno, o deus do tempo, [que] começava em 17 de dezembro e seguia por sete dias. Muitas vezes, estes também terminavam em tumulto e desordem. A partir daí as palavras Bacanal e Saturnália começaram a ter uma má reputação nos últimos tempos” (pág. 65).

O motivo para o descrédito da Saturnália é revelador. Na mitologia pagã Saturno era um “antigo deus-rei da agricultura que comia seus próprios filhos, presumivelmente para se evitar o regicídio [ser assassinado enquanto rei]. E Saturno era um paralelo de um Baal Cartaginês, cuja efígie de bronze com chifres continha uma fornalha onde as crianças eram lançadas como sacrifício” (William Sansom, *Um Livro do Natal*, 1968, pág. 44).

Veja os costumes que cercam a Saturnália: “Todos os estabelecimentos eram fechados, exceto aqueles que forneciam alimentos ou acessórios para a festa. Os escravos eram igualados aos mestres ou até mesmo eram elevados acima deles. E todos eram incentivados à bebedeira, à jogatina e a comilança. As pessoas trocavam presentes, chamados *strenae*, por causa da deusa da vegetação *Strenia*, a quem era importante honrar em meados do inverno . . . Homens vestidos de mulheres ou com peles de animais se embriagavam nas ruas. Velas e lâmpadas eram usadas para espantar os espíritos das trevas, que eram [considerados] poderosos nesta época do ano. E nessa decadência e barbárie descontrolada, a Saturnália servia de desculpa entre os soldados romanos do Oriente para os sacrifícios humanos do rei das pândegas” (Gerard e Patricia Del Re, *O Almanaque do Natal*, 1979, pág. 16).

As celebrações do solstício de inverno

Ambos os antigos feriados eram observados por volta do solstício de inverno—a época do ano com o menor período de luz do dia. “Também dos romanos veio outro fundamento do Natal: A data, 25 de dezembro. Quando o calendário Juliano foi proclamado em 46 d.C., definiu em lei o que na prática já era comum: A data de 25 de dezembro para o solstício de inverno. As reformas posteriores do calendário fizeram com que o solstício astronômico migrasse para 21 de Dezembro, mas o resquício irresistível da data mais antiga permaneceria” (Tom Flynn, *O Problema do Natal*, 1993, pág. 42).

No rastro da Saturnália, os romanos marcaram 25 de dezembro com uma festa chamada de Brumalia. A palavra *Bruma* é a contração da palavra latina *brevum* ou *brevis*, que significa breve ou curto, denotando o dia mais curto do ano.

Por que este período era significativo? “O tempo do solstício de inverno sempre foi uma época importante na mitologia de todos os povos. Onde o

sol, o doador da vida, está no seu ponto mais baixo. É período mais curto de luz do dia do ano, a promessa da primavera é enterrada no frio e na neve. É o momento em que as forças do caos que se colocam contra o retorno da luz e da vida, devem ser derrotadas novamente pelos deuses. No ponto mais baixo do solstício, as pessoas devem ajudar os deuses através da magia imitativa e cerimônias religiosas. O sol começa a retornar em triunfo. Os dias longos e, apesar dos resquícios de inverno, a primavera mais uma vez se torna possível. Para todo mundo, é um momento de grande festa” (Del Re, pág. 15).

Nos dias dos apóstolos de Jesus, no primeiro século, os primeiros cristãos não tinham conhecimento do Natal como é hoje em dia. Mas os apóstolos, vivendo sob o Império Romano, viam as pessoas observando a Saturnália romana enquanto eles mesmos persistiam em celebrar as habituais “festas do Senhor” (listadas em Levítico 23).

A *Enciclopédia Britânica* nos diz que “os primeiros cristãos . . . continuaram a observar as festas judaicas, embora com um novo espírito, em comemoração aos eventos que esses festivais prenunciavam” (11^a edição, vol. 8, pág. 828, “Easter” [Domingo de Páscoa]).

A opinião de nosso Criador acerca deste feriado é ignorada ou não é considerada pela maioria das pessoas. A seguir examinamos e comparamos a história do Natal com a Palavra de Deus, em vez de considerarmos as nossas próprias idéias ou opiniões.

Ao longo dos séculos seguintes, novas observâncias não bíblicas, como o Natal e o Domingo de Páscoa, foram introduzidas gradualmente no cristianismo tradicional. A história mostra que esses novos dias foram impostos à força, enquanto os dias das festas bíblicas dos tempos apostólicos foram sistematicamente rejeitados. “O Natal, o festival do [suposto] nascimento de Jesus Cristo, foi estabelecido por causa do desvanecimento da expectativa do retorno iminente de Cristo” (*Enciclopédia Britânica*, 15^a edição, Macropédia, Vol. 4, pág. 499, “Cristianismo”).

A mensagem de Jesus Cristo e dos apóstolos—“o evangelho do reino de Deus” (Marcos 1:14-15)—logo foi esquecida. A celebração do Natal mudou o foco do cristianismo para longe do retorno prometido de Cristo para o Seu nascimento. Mas é isso que a Bíblia orienta aos cristãos a fazerem?

Como foi escolhida a data do Natal

Gerard e Patricia Del Re explicam bem a evolução da data de 25 de dezembro como celebração romana oficial: “A Saturnália e a Calenda [lua nova, neste caso, de janeiro] eram as celebrações mais conhecidas aos primeiros cristãos (de 17-24 de dezembro e de 1-3 de janeiro, respectivamente), mas a tradição de comemorar 25 de dezembro como o aniversário de Cristo veio aos romanos da Pérsia. Mitra, o deus persa da luz e dos pactos sagrados, nasceu de uma rocha em 25 de dezembro. Roma era famosa por flertar

com outros deuses e cultos, e no terceiro século [274 d.C.] o imperador anticristão Aureliano criou o festival de Dies Invicti Solis, o Dia do Sol Invencível, em 25 de dezembro”.

“Mitra era a personificação do sol, de modo que este período de seu renascimento era um dia importante no mitraísmo, que tinha se tornado a mais recente religião oficial de Roma com o respaldo de Aureliano. Acredita-se que o imperador Constantino aderiu ao mitraísmo até o momento de sua conversão ao cristianismo. Provavelmente, ele teve um papel determinante em que a grande festa de sua antiga religião fosse transferida para a sua nova fé” (O Almanaque do Natal, 1979, pág. 17).

Embora seja difícil determinar a primeira vez que se comemorou a data de 25 de dezembro como Natal, os historiadores estão de acordo que foi por volta do século IV.

Esta é uma data surpreendentemente tardia. O Natal não foi observado em Roma, a capital do império, até cerca de 300 anos após a morte de Cristo. Suas origens não podem ser rastreadas aos ensinamentos ou práticas dos primeiros cristãos. A introdução do Natal representou uma mudança significativa na “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3).

Influências europeias quanto aos costumes do Natal

Apesar de o Natal ter sido oficialmente estabelecido em Roma por volta do século IV, depois outra celebração pagã influenciou bastante muitos dos costumes do Natal de hoje em dia. Esse festival era a festa germânica de Yule (da palavra escandinava para “roda”, que significa o ciclo do ano). Ela também ficou conhecida como as Doze Noites, que se celebrava de 25 de dezembro a 6 de janeiro.

Este festival era baseado na suposta guerra mitológica entre as forças da natureza—especificamente, o inverno (chamado o gigante de gelo), que significava a morte, contra o deus sol, que representava a vida. O solstício de inverno marca o ponto de mudança: Até então, o gigante de gelo estava no auge de seu poder, depois o deus sol começava a prevalecer.

“À medida que o cristianismo se espalhava para o norte da Europa, surgia a observância de outro festival pagão realizado em dezembro em honra ao sol. Desta vez era a festa de Yule, dos escandinavos, que durava doze dias. Nesse tempo, fogueiras enormes eram acesas para ajudar no renascimento do sol. Os santuários e outros lugares sagrados eram decorados com vegetação, tais como o azevinho, a hera, o loureiro e era uma ocasião para festejar e beber.

“Igualmente remota era a prática dos druidas, a casta de sacerdotes entre os celtas da antiga França, Grã-Bretanha e Irlanda, para decorar seus templos com planta de visco e com o fruto do carvalho, que era considerado sagrado. Entre as tribos germânicas o carvalho era sagrado para Odin, o deus da guerra, e sacrificavam a São Bonifácio, no século VIII, então eles foram persuadidos a trocá-lo pela árvore de Natal, um pinheiro enfeitado em homenagem ao menino Jesus . . . e os imigrantes alemães trouxeram

esse costume para os Estados Unidos” (LW Cowie e John Selwyn Gummer, *O Calendário Cristão*, 1974, pág.22).

Em vez de adorar o deus sol, os convertidos foram instruídos a adorar o Filho de Deus. O foco do feriado foi sutilmente mudado, mas os costumes e práticas pagãs tradicionais permaneceram basicamente inalterados. Os antigos costumes religiosos envolvendo o azevinho, a hera, a planta de visco e as árvores verdejantes ganharam significados ‘cristãos’. Devemos ter em mente que Jesus Cristo nos adverte para termos cuidado com as coisas que se disfarçam de algo que não são (Mateus 7:15; comparar Isaías 5:20; 2 Coríntios 11:13-15).

As raízes dos costumes modernos

Muitos desses enfeites de Natal são apenas mudanças de celebrações antigas.

Papai Noel [Pai Natal em Portugal] ou “Santa Claus”, assim conhecido pelos norte-americanos, é uma corrupção do modelo holandês de “San Nicolaas”, que foi uma figura trazida aos Estados Unidos pelos primeiros colonos holandeses (*Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, vol. 19, pág. 649, “São Nicolau”). Por sua vez, este nome deriva de São Nicolau, bispo da cidade de Mira, no sul da Ásia Menor, um santo católico reverenciado por gregos e latinos no dia 6 de dezembro.

Como pode um bispo da ensolarada costa mediterrânea da Turquia vir a ser associado com um homem de casaco vermelho que vive no polo norte e passeia num trenó puxado por renas voadoras?

Diante do que já aprendemos sobre as origens do Natal advinda dos antigos pré-cristãos, não devemos ficar surpresos ao saber que Papai Noel não é nada mais que um personagem reciclado de antigas crenças ligadas aos festivais de inverno pagãos.

Os artifícios associados ao Papai Noel—a barba grande, a roupa, o trenó e as renas—revelam que sua origem remonta dos climas frios do extremo Norte. Algumas fontes traçam sua origem dos deuses Woden e Thor no remoto Norte Europeu, de onde os dias da semana de quarta-feira (dia Woden, Wednesday) e quinta-feira (dia de Thor, Thursday) em inglês, obtiveram seus nomes (Earl e Alice Conde, *4000 Anos de Natal*, 1997, págs. 56-64). Outras voltam ainda mais atrás no tempo até o deus romano Saturno (homenageado no festival de inverno Saturnália) e o deus grego Sileno (Walsh, págs. 70-71).



PhotoDisc

E sobre outros costumes e símbolos comuns associados ao Natal? De onde se originaram? “No Ano Novo romano (1 de janeiro), as casas eram decoradas com folhagens e luzes, e as crianças e os pobres ganhavam presentes. A essas observâncias se acrescentavam os rituais alemães e célticos do Yule . . . comida e bom companheirismo, as toras e os bolos Yule, a verdura e os pinheiros, os presentes e as saudações, tudo isso para se comemorar os diferentes aspectos dessa época festiva. Os fogos e luzes, símbolos de calor e vida longa, sempre foram associados com o festival de inverno, tanto pagão quanto cristão” (Enciclopédia Britânica, 15ª edição, Micropédia, Vol. 2, pág. 903, “Natal”).

“Em pleno inverno, a ideia do renascimento e da fertilidade era sumamente importante. Na neve do inverno, o pinheiro era um símbolo da vida que voltaria na primavera, por isso os pinheiros eram usados na decoração . . . A luz era importante para dissipar a escuridão crescente do solstício, então um tronco de Yule era aceso com os restos do tronco de Yule do ano anterior . . . Conforme muitos costumes perderam suas razões religiosas de existirem, eles passaram para o domínio da superstição, tornando-se tradições de boa sorte e, eventualmente, apenas costumes ilógicos. Assim, o visco não era mais adorado, mas, enfim, tornou-se pretexto para atividades irreligiosas” (Del Re, pág. 18).

“Os presentes de Natal lembram-nos dos presentes que eram trocados em Roma, durante as Saturnálias. Ademais, em Roma os presentes geralmente tinham forma de velas e bonecas de cera, sendo este último, por sua vez, um resquício dos sacrifícios humanos que eram oferecidos a Saturno. É estranho pensar que, em nossos presentes de Natal, estamos preservando, sob outra forma, um dos costumes mais selvagens de nossos bárbaros ancestrais” (Walsh, pág. 67).

Hoje, quando vemos esses costumes perpetuados, na comemoração do Natal, não devemos ter nenhuma dúvida da origem desse feriado religioso. O Natal é um conjunto diversificado de formas pagãs de adoração coberto pelo verniz do cristianismo.

Acolhendo a tradição pagã

Então, devemos nos perguntar: Como é que esses costumes pagãos se tornaram amplamente aceitos pelo cristianismo? Primeiro, devemos entender que essas celebrações e costumes exerciam grande influência sobre o povo dos primeiros séculos. Tertuliano, um escritor católico do século II e início do terceiro, lamentou o fato de que os pagãos de sua época eram muito mais fiéis às suas crenças do que os cristãos comprometidos, que alegremente se juntavam ao festival romano do solstício de inverno que acabou evoluindo para o que agora é conhecido como Natal:

“Nós [cristãos] . . . agora observamos a Saturnália, as festas de janeiro, a Brumália e a Matronália; os presentes vão de um lado para outro, o dia do ano novo é celebrado com estrondos e comemora-se com banquetes barulhentos; oh, como são tão fiéis os gentios à sua religião, pois tomam um

cuidado especial para não aceitar nenhuma solenidade dos cristãos” (Tertuliano, *De Idolatria*, citado por Alexander Hislop, *As Duas Babilônias*).

Não demorou muito para que tais ritos e práticas anticristãs fossem assimilados em um novo feriado religioso na igreja, que supostamente celebrava o nascimento de Cristo. William Walsh descreve esse processo e a razão por trás dele: “Isso não foi um mero acaso. Essa foi uma medida necessária num momento em que a nova religião [o cristianismo] estava sendo imposta a um povo profundamente supersticioso. A fim de conciliar os recém-convertidos para a nova fé, e desfazer os antigos laços de um modo menos traumático possível, essas relíquias do paganismo foram mantidas com certas alterações em sua forma . . .

“Assim, vemos que quando o Papa Gregório [540-604] enviou Santo Agostinho como um missionário para converter a Inglaterra anglo-saxônica, e o orientou a adaptar, tanto quanto possível, os novos e estranhos ritos cristãos ao que os pagãos nativos estavam familiarizados desde o nascimento deles.

“Por exemplo, ele aconselhou Santo Agostinho a permitir que seus convertidos, em determinadas festas, comessem e matassem um grande número de bois para a glória de Deus Pai, como eles faziam antes em honra a [seus deuses] . . . No próprio Natal, depois de sua chegada à Inglaterra, Santo Agostinho batizou milhares de convertidos e permitiu a celebração tradicional deles do mês dezembro sob um novo nome e com um novo significado” (pág. 61).

Gregório permitiu a introdução de práticas religiosas pagãs, alegando que quando se trata de “mentes obstinadas é impossível cortar tudo de uma vez” (Sansom, pág. 30).

Tragicamente, o cristianismo nunca cumpriu a tarefa de erradicar tudo o que era pagão. De acordo com Owen Chadwick, ex-professor de história na Universidade de Cambridge, os romanos “continuaram celebrando o solstício de inverno com uma festa de bebedeira e tumulto. Os cristãos achavam que poderiam dar um significado melhor a essa festa. Eles tentaram convencer os seus rebanhos a não beber ou comer demais, para celebrar uma festa mais austera—mas não tiveram sucesso” (*A História do Cristianismo*, 1995, pág. 24).

Primeiros debates sobre o Natal

No início, os cristãos se opunham ao Natal. Então, algumas polêmicas surgiram sobre se o aniversário de Jesus deveria ser comemorado.

“Já em 245 d.C., Orígenes, padre da Igreja, proclamou que era idolatria comemorar o aniversário de Cristo como se Ele fosse meramente um governante mundano quando a Sua natureza espiritual deveria ser o interesse principal. Este ponto de vista foi repetido ao longo dos séculos, mas somente teve uma defesa intensa e generalizada com a ascensão do protestantismo. Para esses clérigos sóbrios e de espíritos aguçados, a celebração do Natal afrontava tudo o que eles acreditavam. Uma festa de bebedeira

no dia de Natal! O dia nem sequer era conhecido como o aniversário de Cristo. Isso era apenas uma desculpa para continuar os costumes pagãos da Saturnália” (Del Re, pág. 20).

A *Enciclopédia Britânica* acrescenta: “Os Padres [da igreja] dos séculos II e III, como Clemente de Alexandria, Orígenes e Epifânio, sustentaram que o Natal era cópia de uma celebração pagã” (15ª edição, Macropédia, Vol. 4, pág. 499, “Cristianismo”).

A decisão de celebrar o nascimento de Cristo em 25 de dezembro estava longe de ser totalmente aceita. “Os cristãos da Armênia e da Síria acusaram os cristãos de Roma de adoração ao sol por celebrarem o Natal em 25 de dezembro . . . O Papa Leão Magno, no século V, tentou remover algumas práticas do Natal que ele considerava não ser nada diferente da adoração ao sol” (Robert Myers, *Celebrações: O Livro Completo dos Feriados Norte-americanos*, 1972, pág. 310).

Na verdade, de todas as épocas do ano sugeridas como o nascimento de Cristo, certamente a mais improvável é a data de 25 de dezembro (ver “As Evidências Bíblicas Mostram que Jesus não Nasceu em 25 de Dezembro” na página 14).

Novamente, inicialmente a ideia de celebrar o aniversário de Cristo em qualquer data se tornou um problema—sem mencionar a celebração numa data provinda do paganismo.

“Para os primeiros cristãos a ideia de celebrar o aniversário de uma figura religiosa teria parecido na melhor das hipóteses peculiar e na pior, blasfêmia. Sendo que nascer neste mundo não é motivo para comemoração. O que importava era deixar este mundo e entrar no próximo, numa condição agradável a Deus.

“Quando os primeiros cristãos associavam um dia de festa a uma pessoa específica, como um bispo ou um mártir, era geralmente a data da morte dessa pessoa . . . Se você quiser procurar no mundo do Novo Testamento pessoas que davam importância a aniversários, sua pesquisa seria rapidamente restrita aos pagãos. Os romanos celebravam os aniversários dos césores e muitas religiões anticristãs do Mediterrâneo davam muita importância às festas de natividade do seu panteão de figuras sobrenaturais.

“Se Jesus Cristo nasceu em Belém, e seu propósito em vir foi como o que se tem suposto, então, os cristãos que comemoram seu aniversário de nascimento a cada ano O afrontam em vez de honrar a Sua memória. Pois na comemoração de um aniversário de nascimento, nós apoiamos exatamente o tipo de tradição que Sua vinda almejava acabar” (Flynn, pág. 42).

Natal: Uma festa proibida

Na Inglaterra, “os protestantes encontraram suas próprias e serenas maneiras de celebração, com tranquilidade e meditação”, enquanto “os puritanos estritos se recusaram completamente a celebrá-lo . . .

Os Peregrinos de Massachusetts insistiram em trabalhar no Natal como em qualquer outro dia. Em 3 de junho de 1647, o Parlamento estabeleceu punições para quem observasse o Natal e outros feriados determinados. Esta política foi reafirmada em 1652” (Del Re, pág. 20).

Até mesmo em sua era colonial, os Estados Unidos consideravam o Natal mais como uma folia barulhenta do que uma ocasião religiosa: “Na verdade, a sua reputação era tão ruim nos Estados Unidos durante a era colonial que a comemoração do Natal foi proibida na Nova Inglaterra Puritana, onde o notável ministro Cotton Mather descreveu a folia natalina como “uma afronta à graça de Deus” (Jeffery Sheler, “Em Busca do Natal”, *EUA News and World Report*, 23 dez 1996, pág. 56).

A razão de o Natal ter sobrevivido e se transformado num feriado religioso popular—sendo observado em 96 por cento dos norte-americanos e por quase todas as nações, até mesmo por ateus (Sheler, pág. 56)—é por causa de fatores econômicos (ver “Como o Natal Ganhou Importância” na página 15).

Análise do Natal

Nós não podemos negar que o Natal se originou de antigos costumes e práticas religiosas que nada tinham a ver com o cristianismo e a Bíblia. Tom Flynn resume a questão: “Um grande número de tradições que agora associamos ao Natal têm suas raízes nas tradições religiosas pagãs pré-cristãs. Algumas destas têm conotações sociais, sexuais ou cosmológicas que podem levar a pessoas educadas, modernas e culturalmente sensíveis a descartar essas tradições, uma vez que tenham entendido mais claramente as suas raízes” (pág. 19).

Originalmente concebida como uma maneira de facilitar a transição dos convertidos do culto pagão ao cristianismo, nos anos mais recentes a observância desse feriado tem sido impulsionada por forças econômicas. A *Enciclopédia Britânica* observa que os feriados tradicionais cristãos têm passado “por um processo impressionante de dessacralização—especialmente o Natal—e comercialização. O fundamento cristológico do Natal foi substituído pelo mito do Papai Noel” (15ª edição, Macropédia, Vol. 4, pág. 499, “Cristianismo”).

Mesmo com suas falhas, o Natal continua sendo uma tradição enraizada. Embora alguns reconheçam o paganismo inerente do feriado, eles acreditam que as pessoas são livres para estabelecer seus próprios dias de culto. Outros se apegam à crença ingênua e bíblicamente inaceitável de que as celebrações mais populares do paganismo foram conquistadas pelo cristianismo e, portanto, são aceitáveis a Deus.

Deixando de lado o raciocínio humano, precisamos considerar a opinião de Deus sobre tais celebrações. Precisamos olhar para a Palavra de Deus para saber o que Ele acha dessa mistura de práticas e costumes pagãos em Sua adoração. Mas primeiro vamos examinar o outro importante feriado religioso do mundo cristão, o Domingo de Páscoa.

As Evidências Bíblicas Mostram que Jesus não Nasceu em 25 de Dezembro

Sem dúvida, a história mostra que o dia 25 de dezembro foi popularizado como a data para o Natal, não porque Cristo nasceu nesse dia, mas porque já era popular nas celebrações pagãs como a data de nascimento do sol.

Mas é possível que 25 de dezembro seja o dia do nascimento de Cristo?

“Considerando que não existe nenhuma escritura indicando a data do nascimento de Jesus, os primeiros mestres cristãos sugeriram várias datas no calendário. Clemente . . . escolheu 18 de novembro. Hipólito . . . achava que Cristo tivesse nascido numa quarta-feira . . . Um documento anônimo, que se acreditava ter sido escrito no norte da África por volta do ano 243 d.C., situava o nascimento de Jesus em 28 de março” (Jeffery Sheler, “Em Busca dos Natais”, revista *U.S. News and World Report*, 23 dez 1996, pág. 58).

Uma análise cuidadosa das Escrituras, no entanto, mostra claramente que 25 de dezembro é uma data improvável para o nascimento de Cristo. Aqui estão as duas principais razões:

Primeiro, sabemos que os pastores estavam no campo cuidando de seus rebanhos no momento do nascimento de Jesus (Lucas 2:7-8). Os pastores não ficavam no campo no mês de dezembro. De acordo com a publicação *Celebrações: O Livro Completo dos Feriados Norte-americanos*, o relato de Lucas “sugere que Jesus pode ter nascido no verão ou no início do outono. Uma vez que dezembro é frio e chuvoso na Judéia, é provável que os pastores tenham procurado abrigo para seus rebanhos durante a noite” (Robert Myers, 1972, pág. 309).

Da mesma forma, *O Comentário do Intérprete—Volume Único* (1980) diz que esta passagem “seria um argumento contra a ocorrência do nascimento em 25 de dezembro já que o tempo não teria permitido” que os pastores vigiassem seus rebanhos no campo à noite.

Em segundo lugar, os pais de Jesus vieram a Belém para se registrar em um censo romano (Lucas 2:1-4). Tais censos não eram realizados no inverno, quando as temperaturas muitas vezes caíam abaixo de zero e as estradas ficavam em péssimas condições. Realizar um censo sob tais condições teria sido contraproducente.

Diante das dificuldades e do desejo de trazer os pagãos para o cristianismo, William Walsh diz: “O fato importante, então, que eu lhe pedi para deixar claro é que a fixação da data de 25 de Dezembro foi um cedimento com o paganismo” (*A história de Papai Noel*, 1970, pág. 62).

Se Jesus Cristo não nasceu em 25 de dezembro, então quando a Bíblia diz que Ele nasceu? Os relatos bíblicos apontam o outono como o tempo mais provável do nascimento de Jesus, com base na concepção e nascimento de João Batista.

E como Isabel (mãe de João) estava em seu sexto mês de gravidez, quando Jesus foi concebido (Lucas 1:24-36), podemos determinar o tempo aproximado do ano do nascimento de Jesus a partir do que sabemos do nascimento de João. O pai de João, Zacarias, era sacerdote a serviço do templo em Jerusalém, durante o turno de Abias (Lucas 1:5). Cálculos históricos indicam este turno de serviço correspondia de 13 a 19 de junho daquele ano (EW Bullinger, *A Companhia da Bíblia*, 1974, Anexo 179, pág. 200).

Foi durante este tempo de serviço no templo que Zacarias soube que sua esposa, Isabel, teria um filho (Lucas 1:8-13). Depois de terminar seu serviço ele viajou para casa, então Isabel concebeu (versículos 23-24). Presumindo que João foi gerado perto do fim de junho, somando-se nove meses, chegamos ao fim de Março como o tempo mais provável do nascimento de João. E acrescentando-se mais seis meses (a diferença de idade entre João e Jesus) somos levados ao fim de setembro como a data provável do nascimento de Jesus.

Como o Natal Ganhou Importância

Através dos séculos, pela ótica do criticismo ao comercialismo do Natal, é interessante notar que o feriado secular, sem aspecto religioso, é que tem sido mais responsável pela sua popularidade. Nos Estados Unidos “os varejistas contabilizam que as vendas natalinas perfaçam até 50 por cento dos seus lucros anuais. A temporada de compras injeta 37 bilhões de dólares na economia da nação—fazendo com que o Natal norte-americano seja maior do que o PIB [Produto Interno Bruto] da Irlanda” (Jeffery Sheler, “Em Busca dos Natais”, *U.S. News and World Report*, 23 de dezembro de 1996, pág. 64).

O fascínio pelo lucro provou ser tão forte que, desde o ano 1870, os comerciantes têm promovido entusiasticamente o Natal. No início, eles ainda decoravam suas lojas com mais enfeites religiosos do que muitas igrejas conseguiam fazer, tais como órgãos de tubo, coros e estátuas. Convencido do impacto econômico do Natal, o presidente Franklin Roosevelt mudou o Dias de Ação de Graças de 30 para 23 novembro para acrescentar mais uma semana de compras antes do Natal (pág. 62).

“O que muitos historiadores consideram mais fascinante sobre a reinvenção do Natal é que o seu comercialismo, agora tão frequentemente denunciado, foi o que gerou essa transformação em primeiro lugar. As ‘formas de comércio’ associadas ao Natal e outros feriados,

diz Schmidt de Princeton [Lee Eric Schmidt, *Rituais de Consumo*, 1995], se tornaram parte integral da própria sobrevivência do dia de Natal. A cultura do consumismo ‘molda nossos feriados’, diz Schmidt, acomodando diversas tradições locais e criando outras relativamente comuns. Para transformar o Natal numa festa puramente religiosa isso animaria aqueles que querem ‘trazer de volta o Natal’, diz ele. Mas tal observância ‘não teria a repercussão e o impacto cultural de um feriado profundamente enraizado no comercialismo’. Se o Natal se tornar nisso, [sem o comercialismo] acrescenta Restad [Restad Penne, *O Natal nos Estados Unidos*, 1995], ‘provavelmente não iríamos observá-lo na sociedade’ (pág. 64).

O Natal e a Bíblia

Será que os costumes e tradições do Natal estão de acordo com o relato bíblico do nascimento de Cristo? Um olhar objetivo mostra que muitas tradições supostamente originadas da Bíblia não coincidem com o relato bíblico.

Será que foram três os sábios que viajaram para ver Jesus? A Bíblia não diz quantos eram. Pode ter sido mais. Ela apenas nos diz que eles deram a Jesus três tipos de presentes: “Ouro, incenso e mirra” (Mateus 2:1, 11). Será que todo mundo trocava presentes quando Cristo nasceu? Os presentes foram oferecidos a Jesus porque Ele nasceu como o “Rei dos Judeus” (versículos 2, 11). Este era o costume quando se comparecia diante de um rei, assim, os sábios trouxeram presentes digno de um rei: Ouro e especiarias valiosas. Jesus foi o único a receber presentes; os outros não trocaram presentes entre si.

Será que os sábios, como retratado frequentemente nos presépios, ao chegarem, encontraram Jesus numa manjedoura de estábulo, já que “não havia lugar para eles na estalagem”? (Lucas 2:7). Claro que não. Quando os sábios chegaram, aparentemente, algum tempo depois do nascimento de Cristo, a família de José já estava morando numa casa (Mateus 2:11).

Será que os escritores dos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) consideraram o nascimento de Jesus um dos eventos mais significativos para que os cristãos o reconhecessem ou comemorassem? Marcos e João nem sequer mencionam esse evento. Embora Mateus e Lucas o façam, eles não dão nenhuma data. Nenhum dos escritores bíblicos diz nada sobre comemorar o nascimento de Cristo.

Será que Jesus Cristo nos diz para celebrar o Seu nascimento? Não. Ele deixou instruções explícitas a Seus seguidores para que comemorassem a Sua morte (1 Coríntios 11:23-26), mas absolutamente nada sobre o Seu nascimento.

O Domingo de Páscoa: Disfarçando Uma Verdade Bíblica

Em contraste com o público em geral, que considera o Natal o mais importante feriado cristão, muitos teólogos consideram o Domingo de Páscoa como uma festa de primazia, pois comemora a ressurreição de Jesus. Assim como acontece com o Natal, descobrimos que os costumes populares associados à celebração do Domingo de Páscoa—coelhos e ovos de páscoa—não têm nada a ver com o relato bíblico da vida de Cristo, neste caso a Sua ressurreição dos mortos.

Então, de onde surgiram essas práticas?

A *Enciclopédia Britânica* diz: “Como no Natal, assim também no Domingo de Páscoa, os costumes populares refletem muitos resquícios de *costumes pagãos antigos*—neste caso, estão ligados a ritos de fertilidade da primavera, como os símbolos do ovo de páscoa e do coelho da páscoa” (15ª edição, Macropédia, Vol. 4, pág. 605, “Ano da Igreja”).

A história do Domingo de Páscoa na antiguidade

As raízes da celebração do Domingo de Páscoa datam de muito antes da vida, morte, e ressurreição de Jesus Cristo. Vários costumes do Domingo de Páscoa podem ser rastreados até as antigas celebrações da primavera em honra a *Astarte*, a deusa da primavera e da fertilidade. A Bíblia se refere a ela como “Astarote, a abominação dos sidônios” (2 Reis 23:13) e, como O Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine menciona, “a Rainha do Céu”, cujo adoração Deus condenou (Jeremias 7:18; 44:24-28).

Francis Weiser, professor de filosofia no Colégio Boston, informa os seguintes fatos: “A origem do ovo de páscoa é baseado nas tradições da fertilidade das raças indo-europeias . . . O coelhinho da páscoa teve sua origem na tradição pré-cristã da fertilidade. As lebres e os coelhos eram os animais mais férteis que nossos antepassados conheciam, assim serviram como símbolos da nova vida abundante na



PhotoDisc

primavera” (*Manual de Festas e Costumes Cristãos*, 1958, págs. 233, 236). (Para mais informações sobre estes símbolos, consulte “Os Símbolos da Fertilidade: Inferiores à Nobreza de Deus” na página 33).

Os rituais e costumes da fertilidade foram incorporados às práticas religiosas no início da história humana. Depois que Adão e Eva rejeitaram a Deus no Jardim do Éden (Gênesis 3), a humanidade buscou outras explicações para a vida. As forças da natureza e as estações do ano, que não podiam ser controlados, começaram a ser vistos como deuses, deusas e poderes sobrenaturais a ser adorados e temidos. O homem logo criou seus próprios deuses, contrariando a instrução de Deus contra a idolatria (Êxodo 20:3-6; Deuteronômio 5:7-10).

“As nações pagãs fizeram estátuas ou imagens para representar as forças que adoravam. A maioria desses ídolos estava sob a forma de animais ou seres humanos. Mas, às vezes, os ídolos representavam poderes celestiais, como o sol, a lua e as estrelas; as forças da natureza, como o mar e a chuva; ou as forças da vida, como morte e a verdade . . .

“Com o tempo, um elaborado sistema de crenças nessas forças naturais foi desenvolvido na mitologia. Cada civilização e cultura tinha sua própria estrutura mitológica, mas as estruturas muitas vezes eram muito

Os costumes populares associados com a celebração do Domingo de Páscoa não têm nada a ver com o registro bíblico da ressurreição de Cristo dos mortos. Então, donde é que estas práticas originaram?

semelhantes. Os nomes dos deuses podiam ser diferentes, mas as suas funções e ações eram sempre as mesmas. O mito mais importante que cruzava as linhas culturais era o do ciclo de fertilidade. Muitas culturas pagãs acreditavam que o deus da fertilidade morria a cada ano durante o inverno, mas depois renascia anualmente na primavera. Os detalhes diferem entre as culturas, mas a ideia principal era a mesma” (*Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson*, 1995, “Deuses Pagãos”, pág. 508).

Na mitologia pagã o sol representava a vida. Supostamente, o sol morria por volta do solstício de inverno, o dia mais curto do ano. (Como discutido anteriormente, a data fixada para as celebrações do Natal está radicada nesse mito). Os rituais da fertilidade da primavera complementavam o renascimento do sol, cujos símbolos de sobrevivência estão entrelaçados nas celebrações pascais.

Além de coelhos e ovos, outro costume popular do Domingo de Páscoa foi originado na era pré-cristã: “O presunto suíno também era popular entre os europeus e norte-americanos na páscoa, porque o porco era considerado um símbolo de sorte na cultura europeia pré-cristã” (*A Enciclopédia da Religião [The Encyclopedia of Religion]*, 1987, pág. 558, “Easter” [Domingo de Páscoa]).

Rituais de sexo nas culturas antigas

Os antigos rituais da fertilidade giravam em torno da depravação e da imoralidade sexual explícita. Tais rituais foram referidos ao longo da Bíblia por uma variedade de nomes e descrições.

A deusa da fertilidade, babilônica e assíria, era *Ishtar*, de onde deriva o nome *Astarte* e *Astarote*, e muito provavelmente a deusa da primavera anglo-saxônica *Eostre* ou da germânica *Ostara*, e donde se originou a palavra inglesa *Easter* que significa [*Domingo de*] *Páscoa* (e que também nos deu origem à palavra *Este*, a direção do nascer do sol).

Ishtar simbolizava a Mãe Terra nos ciclos naturais da fertilidade terrena. Muitos mitos cresceram em torno desta divindade feminina. Ela era a deusa do amor, e a prática ritualística da prostituição se espalhou no culto da fertilidade dedicada ao seu nome.

“Os templos de Ishtar tinham muitas sacerdotisas, ou prostitutas sagradas, que, simbolicamente, realizavam os rituais da fertilidade do ciclo da natureza. Ishtar foi identificada como a deusa fenícia Astarte, a Astarote semita, e a Inanna suméria. Também existem fortes semelhanças entre Ishtar e a Isis egípcia, a grega Afrodite, e a Vênus romana.

“Associado a Ishtar estava o jovem deus Tamuz (Ezequiel 8:14), considerado ambos divino e mortal. Na mitologia babilônica, Tamuz morria anualmente e renascia ano após ano, representando o ciclo anual das estações e das colheitas. Mais tarde, essa crença pagã foi identificada com os deuses pagãos Baal e Anat da terra de Canaã” (*Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson*, “Deuses Pagãos”, pág. 509). Acreditava-se que Ishtar realizava o renascimento ou a ressurreição de Tamuz na primavera, coincidindo com o desabrochar da natureza. (Para mais detalhes, consulte “A Ligação com a Ressurreição” na página 30).

Em todo o Antigo Testamento, Deus manifestou sua ira contra Seu povo quando serviam a esses falsos deuses (Juízes 2:13-14; 10:6-7; 1 Reis 11:5-11; Ezequiel 8:14-18).

O Domingo de Páscoa não era parte do culto da Igreja primitiva

O Novo Testamento não menciona uma celebração de Domingo de Páscoa. Os primeiros cristãos não tinham nada a ver com esse tipo de páscoa pagã. Em vez disso, eles celebraram a verdadeira Páscoa no 14º dia, instituída por Deus séculos antes na época do Êxodo (Êxodo 12:6-14; Levítico 23:5). O próprio Jesus Cristo guardou esta festa (Mateus 26:17-18) e lhe deu um significado mais claro sob a Nova Aliança, com a instituição dos símbolos do pão e do vinho, Seu corpo afligido e sangue derramado, que significa Seu sofrimento e morte a nosso favor (versículos 26-29). Ele é o Cordeiro de Deus, oferecido como o sacrifício da verdadeira Páscoa pelos pecados do mundo (João 1:29; 1 Coríntios 5:7).

Jesus disse aos Seus seguidores para continuar observando-a em Sua memória e de Sua morte (1 Coríntios 11:23-26). Logo, porém, começou

a surgir pressões para substituir a verdadeira Páscoa [do 14º dia] pelos costumes populares do Domingo de Páscoa [Easter]. Este movimento foi a base para muitas contendas no decorrer dos próximos três séculos.

Observe como *A Enciclopédia Britânica* descreve este período: “Os primeiros cristãos celebravam a Páscoa do Senhor, ao mesmo tempo como os judeus, durante a noite da primeira lua cheia do primeiro mês da primavera (décimo quarto dia de Nisã [ou Abibe]). Em meados do segundo século, a maioria das igrejas havia transferido esta celebração para o domingo após a festa judaica. Mas certas igrejas da Ásia Menor apegaram-se ao antigo costume, por isso foram acusadas de “judaizantes” (Eusébio, *História Eclesiástica*, livro 5, capítulos 23-25). O primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia, em 325 decretou que todas as igrejas deviam observar juntas a festa [Páscoa] num domingo” (15ª edição, Macropédia, Vol. 4, págs. 604-605, “Ano da Igreja”).

“Depois de longas e ferozes controvérsias sobre a data (que é determinada pelo calendário lunar), definiu-se no Concílio de Nicéia, em 325, que a data para a Páscoa seria o primeiro domingo após a lua cheia que segue o equinócio da primavera. O Domingo de Páscoa se tornou o centro de uma estrutura litúrgica fixa dos tempos e festivais anuais da igreja” (ibidem, pág. 499, “Cristianismo”).

A pressão contra a Páscoa bíblica

Por que o Domingo de Páscoa substituiu a Páscoa bíblica do 14º dia?

Embora o Domingo de Páscoa fosse claramente de origem pagã, os líderes cristãos, dos primeiros dois séculos após a crucificação de Cristo, empregaram a mesma filosofia para estabelecer o novo feriado religioso, que mais tarde aplicaram ao estabelecimento do Natal. Acreditando que as pessoas são livres para escolher seus próprios tempos e os costumes para o culto a Deus, eles começaram a substituir gradualmente a Páscoa do décimo quarto dia, ordenada na Bíblia, pela celebração do Domingo de Páscoa criada por raciocínio humano.

Era mais fácil atrair adoradores pagãos ao cristianismo e manter a sua devoção através da identificação da festa da ressurreição da Primavera das religiões pagãs que era conhecida há muito tempo, com a ressurreição de Cristo.

O preconceito contra os judeus também parece ter sido um fator importante na decisão dos líderes da igreja para fazer tais alterações. De acordo com R.K. Bishop: “O desenvolvimento inicial da celebração do Domingo de Páscoa e as disputas associadas sobre o calendário, foram, em grande parte, resultado da tentativa do cristianismo de emancipar-se do judaísmo. O domingo já tinha substituído o Sábado judaico no início do segundo século, e apesar dos esforços na Ásia Menor para manter a data da Páscoa judaica, 14 de Nisã para a Páscoa [a verdadeira Páscoa], o Concílio de Nicéia, adotou o domingo anual seguinte à lua cheia após o equinócio primaveril (21 de março)” (Walter Elwell, editor, *Dicionário Evangélico de Teologia* [Evan-

lical Dictionary of Theology], 1984,”Easter “ [Domingo de Páscoa]).

Antes de 70 d.C., o cristianismo era “considerado pelo governo romano e pelas pessoas em geral como um ramo da religião judaica” (Jesse Lyman Hurlbut, *A História da Igreja Cristã*, 1954, pág. 34). O cristianismo e o judaísmo compartilhavam os dias de festas bíblicas, embora os cristãos as observassem com significados adicionais, introduzidos por Jesus e pelos apóstolos.

No entanto, duas revoltas judaicas contra o Império Romano, em 64-70 e 132-135, conduziram à perseguição generalizada dos judeus e à supressão de suas práticas religiosas. Os judeus foram expulsos de Jerusalém e proibidos de voltar, sob pena de morte. Por causa dessa grande pressão, alguns cristãos começaram a abandonar as crenças e práticas, que eram vistas como sendo bastante judaicas. Ao longo do tempo muitos abandonaram o descanso e o culto semanal do dia de Sábado em favor do culto no Domingo, o dia pagão do sol, e também abandonaram a Páscoa bíblica [do décimo quarto dia] em favor do Domingo de Páscoa para se distanciar dos judeus.

A Nova Enciclopédia Católica explica: “Originalmente, ambas as observâncias [a Páscoa bíblica do 14º dia e o Domingo de Páscoa] eram permitidas, mas aos poucos se percebeu que era um absurdo os cristãos celebrarem a Páscoa numa festa judaica, e foi exigido comemorar em unidade essa principal festa cristã” (1967, Vol. 5., pág. 8, “A Controvérsia do Domingo de Páscoa”).



O debate da Páscoa bíblica do 14º dia e o Domingo de Páscoa

A aceitação do Domingo de Páscoa em vez da Páscoa bíblica do 14º dia não aconteceu sem resistência. Dois líderes religiosos da metade do segundo século—Policarpo, bispo de Esmirna, na Ásia Menor, e Aniceto, bispo de Roma—debateram muito este assunto.

Aniceto argumentava pelo Domingo de Páscoa, enquanto Policarpo, um estudioso do apóstolo João, defendia a observância da “Páscoa cristã, no dia 14 de Nisã, o primeiro mês do calendário eclesiástico judaico, independentemente do dia da semana” (*A Enciclopédia Britânica*, 15ª edição, Macropédia, vol. 8, pág. 94, “Policarpo”).

Policarpo ensinou a observância da Páscoa como a Igreja primitiva tinha observado. Eusébio mencionou que Policarpo disse que este era o caminho que “ele sempre tinha observado com João, o discípulo do Senhor, e o resto dos apóstolos, com quem estivera associado” (*A História Eclesiástica de Eusébio*, 1995, págs. 210-211). Esses cristãos do segundo século ainda estavam seguindo o exemplo de Jesus Cristo em observar a Páscoa bíblica

(comparar 1 Coríntios 11:1; 1 Pedro 2:21; 1 João 2:6).

Várias décadas depois, outro líder da igreja na Ásia Menor, Polícrates, discutiu o mesmo assunto com o novo bispo de Roma, Victor. Eusébio escreveu sobre a continuidade do debate:

“Houve uma discussão considerável nessa ocasião, em consequência de uma diferença de opinião com respeito à observância da temporada pascal [a Páscoa bíblica]. As igrejas de toda a Ásia, seguindo uma tradição mais antiga, acreditavam que eles deveriam manter o décimo quarto dia da lua para a festa da Páscoa do Salvador, no mesmo dia que os judeus receberam a ordem de matar o cordeiro pascal . . .

“Os bispos . . . da Ásia, perseverando a observação do costume que lhes fora transmitido por seus pais, eram liderados por Polícrates. Aliás, ele também havia reafirmado a tradição transmitida a eles numa carta dirigida a Victor e à Igreja de Roma. ‘Nós’, disse ele, ‘portanto, observamos o dia legítimo, sem tirar nem colocar nada. Pois, na Ásia grandes luzes caíram no sono, que acordarão novamente no dia do retorno Senhor, no qual Ele virá com glória do céu, e levantará todos os santos do Senhor . . .

“Além disso, João, que descansava sobre o seio de nosso Senhor . . . também Policarpo de Esmirna, bispo e mártir. Thraseas . . . Sagaris . . . Papirius e Melito . . . Todos estes observavam o décimo quarto dia da Páscoa, segundo o Evangelho, sem desviar em nenhum aspecto, mas seguindo a regra da fé. Além disso, eu, Polícrates, que sou o menor de todos vocês, de acordo com a tradição dos meus parentes, alguns dos quais tenho seguido. E lá eram sete parentes meus [que eram] bispos, e eu sou o oitavo, e eles sempre observaram o dia em que as pessoas (ou seja, os judeus) removiam o fermento”.

“Eu, pois, irmãos, agora tenho sessenta e cinco anos no Senhor, tendo conferido com irmãos em todo o mundo, e tendo estudado todas as Escrituras Sagradas acerca do assunto, não fico nada espantado com essas coisas com que estou sendo ameaçado e intimidado. Pois os que são maiores do que eu disseram, que ‘devemos obedecer a Deus antes que a homens’” (págs. 207-209).

Infelizmente, o raciocínio das pessoas venceu em vez das instruções de Deus e do exemplo de Jesus Cristo e seus discípulos originais.

Um novo tema no culto

Conforme o domingo de Páscoa substituiu a Páscoa bíblica, não apenas uma nova *data* foi marcada (o primeiro domingo após o equinócio da primavera ao invés do dia bíblico de 14 de Nisã), mas um novo *tema* foi introduzido. Ao invés de comemorar a morte de Cristo, conforme indicado nas Escrituras (1 Coríntios 11:26), o novo feriado foi criado para celebrar a Sua ressurreição. Este novo tema adaptava-se facilmente aos símbolos de fertilidade dos pagãos. E também ajudava a distinguir a comunidade cristã dos judeus, um dos principais objetivos dos líderes da igreja nessa época.

Embora a ressurreição de Cristo seja uma base importante da esperança que temos de sermos também ressuscitados (1 Coríntios 15:17; Romanos

5:10), e fundamental para a continuação do plano de salvação de Deus, nem Deus Pai nem Cristo e muito menos as Escrituras nos orienta expressamente a celebrar este evento.

Na verdade, o amor de Deus é, antes de tudo, expresso a toda a humanidade através da crucificação de Jesus Cristo (João 3:16; Hebreus 9:28). Sua morte, pela qual nossos pecados podem ser perdoados, é o foco principal da Páscoa, e não a Sua ressurreição. Muitos dos detalhes de Sua morte e dos eventos que conduziram e rodearam essa morte foram profetizados precisamente nas Escrituras Hebraicas com centenas de anos de antecedência.

A decisão voluntária de Deus Pai de entregar Seu Filho Unigênito—e o consentimento de Jesus Cristo em entregar Sua vida à tortura e execução como sacrifício pelos pecados da humanidade—foram ações muito mais exigentes do que a demonstração do poder de Deus sobre a morte mediante a ressurreição.

A humanidade necessita de um Salvador

Não há muito que discutir. A Bíblia descreve o pecado e nossa necessidade de perdão e reconciliação com Deus (o tema da Páscoa bíblicamente ordenada e dos Dias dos Pães Asmos) com muito mais frequência do que o assunto da ressurreição. Dentro da versão da Bíblia Almeida Revista e Corrigia, a palavra *pecado* é usada 559 vezes em comparação com a palavra *ressurreição*, que aparece apenas 41 vezes. Não se esqueça de que o pecado foi a causa da morte de Cristo. Somente por meio do arrependimento de nossos pecados e reconciliação com Deus pela morte de Cristo podemos ter certeza de sermos ressuscitados (Atos 2:38; João 5:29; João 11:25).

Isso não significa minimizar a importância da ressurreição de Cristo. Pois, ela também é um passo crucial no processo de salvação (1 Coríntios 15). Depois de sermos reconciliados com Deus Pai, pela morte de Seu Filho, por fim, somos salvos pela vida de Cristo, sendo que Ele intercede por nós como nosso Sumo Sacerdote e vive em nós através do Espírito Santo, nos ajudando a vencer o pecado (Romanos 5:10; Hebreus 4:14-16; 1 João 2:1; Gálatas 2:20). O processo de nossa saída do pecado é retratado na festa bíblica imediatamente após a Páscoa, os Dias dos Pães Asmos, durante os quais ocorreu a ressurreição de Cristo.

Porém, a Bíblia novamente nada instrui aos cristãos quanto a realizar uma comemoração especial da ressurreição de Cristo e não há nenhum registro bíblico de que os primeiros cristãos tenham feito isso. Mas está muito claro que, tanto Jesus Cristo como também o apóstolo Paulo esperam que os discípulos de Cristo comemorem Sua morte sacrificial por nós numa cerimônia especial (Mateus 26:26-28; 1 Coríntios 5:7; 11:23-28).

No entanto, a celebração do Domingo de Páscoa prevaleceu. Aqueles que permaneceram fiéis ao exemplo de Cristo em guardar a Páscoa (no dia 14) e os Dias dos Pães Asmos diminuíram em número e foram perseguidos por aqueles que escolheram o Domingo de Páscoa.

Como é que Deus considera estas mudanças, de cunho puramente

humano, na adoração ordenada por Ele, será considerado no capítulo seguinte. Mas agora vamos examinar como é que as tradições desse feriado religioso não coincidem com o registro bíblico.

Ressurreição no domingo de manhã?

A escolha de um Domingo para o dia de Páscoa foi baseada na suposição de que Cristo ressuscitou do sepulcro cedo numa manhã de domingo. A crença popular diz que Cristo foi crucificado numa sexta-feira e ressuscitou no domingo. Mas *nenhuma* destas suposições é apoiada pelo registro bíblico.

Mateus 12:38 mostra alguns dos escribas e fariseus pedindo a Jesus um sinal para provar que Ele era o Messias. Jesus disse-lhes que o único sinal que daria era o do profeta Jonas: “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem *três dias e três noites no seio da terra*” (versículo 40).

Mas como podemos encaixar “três dias e três noites no seio da terra” entre a crucificação numa sexta-feira à tarde e a ressurreição num domingo de manhã? O conceito tradicional de Sua crucificação e ressurreição só possibilita que Jesus tenha ficado enterrado apenas *um dia e meio*. [Ver págs. 26 e 27].

Alguns tentam conciliar as palavras de Cristo com sua crença numa crucificação na sexta-feira e ressurreição no domingo, arrazoando que a declaração de Cristo sobre “três dias e três noites” não exige literalmente um período de 72 horas. Eles argumentam que parte de um dia pode ser contado como um dia inteiro. Assim, uma vez que Jesus morreu à tarde—por volta da “hora nona” depois do amanhecer, ou cerca de três horas da tarde (Mateus 27:46-50)—eles acham que o restante da sexta-feira comporia o primeiro dia, o Sábado, o segundo, e parte do domingo, o terceiro.

No entanto, eles não levam em consideração que apenas duas noites—noite de sexta e noite de sábado—são contadas nessa explicação. Afinal, a Bíblia deixa claro que Jesus já havia ascendido *antes* da parte iluminada do domingo (João 20:1). Obviamente, alguma coisa está errada com esta conclusão comum a respeito de quando Cristo esteve no túmulo.

Cristo se refere especificamente a Jonas 1:17, onde afirma: “Esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe”. Não temos razão para pensar que esses dias e noites eram fracionados. E nem há nenhuma base para pensar que Jesus quis dizer apenas duas noites e um dia, e partes de dois dias, quando Ele predisse o tempo que estaria no túmulo. Este tipo de raciocínio compromete a integridade das palavras de Jesus.

O sinal de Cristo foi cumprido?

Se Jesus estivesse no túmulo somente a partir da tarde de sexta-feira até a manhã de domingo, então o sinal dado de que Ele era o Messias prometido não foi cumprido. A afirmação de Sua messianidade repousa sobre o cumprimento de Suas palavras, e isso é uma questão muito séria.

Vamos examinar cuidadosamente os detalhes daqueles dias fatídicos. Cada um dos escritores dos Evangelhos informa sobre os eventos, mas também cada um apresenta diferentes aspectos que precisam ser sincronizados e harmonizados corretamente para gerar uma sequência e uma compreensão clara do que aconteceu. Veremos que, quando cada relato é considerado, os detalhes cronológicos se ajustam perfeitamente.

Por exemplo, João 19:31 preserva um ponto crucial que dá discernimento sobre as outras narrativas. O dia de preparação em que Jesus foi crucificado é descrito como a véspera do sábado. Mas João esclarece afirmando que “era grande” este sábado que se aproximava. Isto não se refere ao sábado semanal (ocaso de sexta-feira ao ocaso de sábado), mas ao primeiro dia dos Pães Asmos, que é um dos grandes dias, ou sábados, de Deus (Êxodo 12:16-17; Levítico 23:6-7), que poderia—e geralmente acontece—cair em outros dias da semana.

Alguns acreditam que, naquele ano, este grande dia caiu no sétimo dia da semana, coincidindo com o sábado semanal, de tal modo que o dia da preparação era na sexta-feira. Mas o relato de Lucas mostra que este não foi o caso. Observe a sequência de eventos descritos em Lucas 23. O momento da morte de Jesus, assim como Seu sepultamento apressado por causa do sábado imediato, é narrado nos versículos 46-53. O versículo 54, em seguida, afirma: “Era o Dia da Preparação, e estava para começar o sábado” (NVI).

A menção de dois sábados

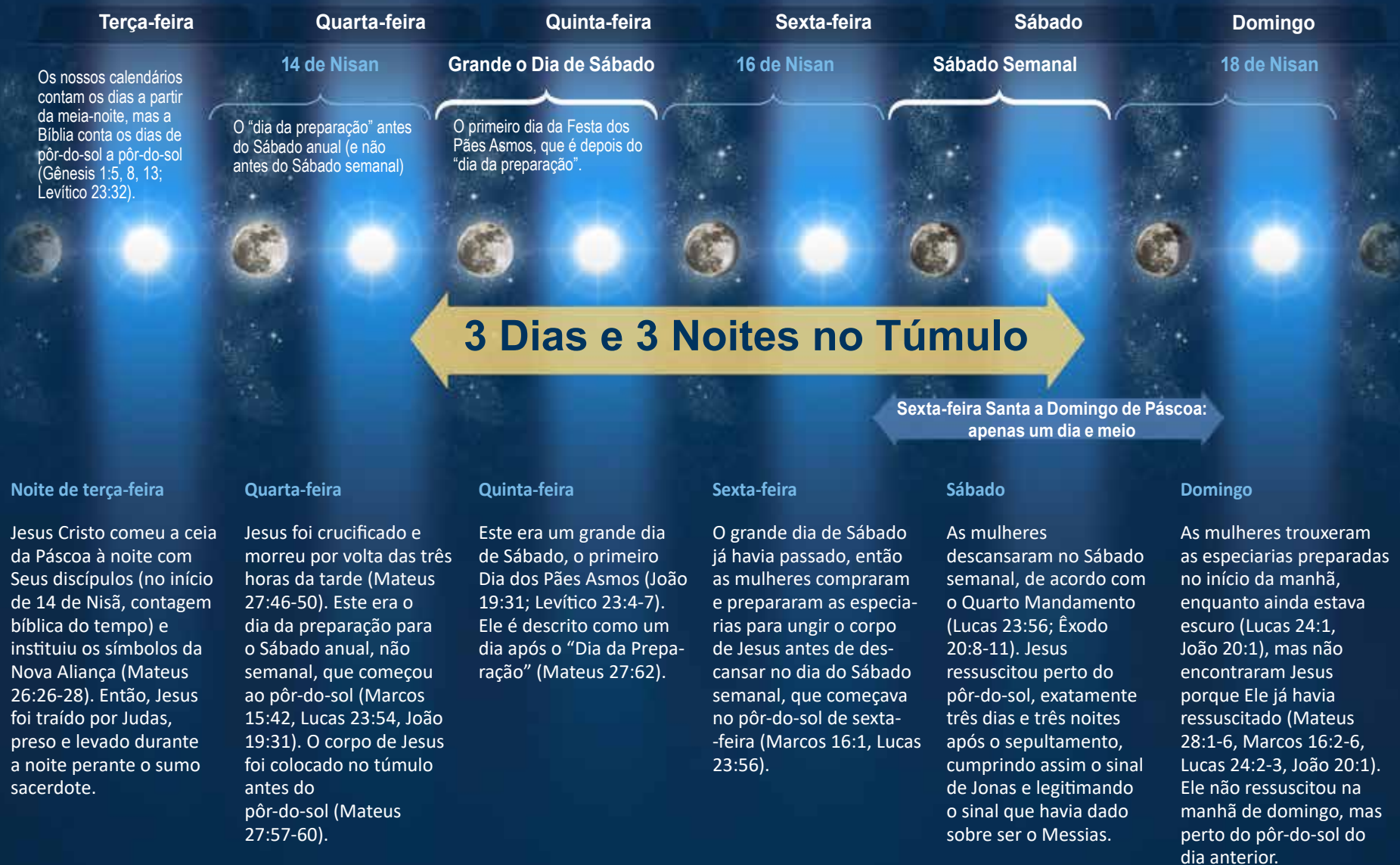
Muitos presumiram que aqui se estava mencionando o sábado semanal. Mas é uma ideia errada. Na verdade, era um sábado, que ocorreu numa *quinta-feira*, visto que o versículo 56 mostra que as mulheres, depois de verem o corpo de Cristo ser colocado no sepulcro, voltaram e “prepararam especiarias e unguentos” para o preparativo final do corpo.

Esse trabalho não poderia ser feito num dia de sábado, pois seria sido considerado uma violação do sábado. Isto pode ser verificado no relato de Marcos, que afirma: “E, *passado o sábado*, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram aromas [que não podiam ser comprados naquele grande dia de sábado] para irem ungi-Lo” (Marcos 16:1).

As mulheres tiveram que esperar até este sábado terminasse para poderem comprar e preparar as especiarias que seriam utilizadas para ungir o corpo de Jesus. Então, como diz Lucas 23:56, foi depois de comprar e preparar as especiarias e óleos na sexta-feira que elas “descansaram no sábado, em obediência ao mandamento” (NVI). Este segundo sábado mencionado nos relatos dos Evangelhos é o sábado semanal regular, observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado.

Na comparação dos detalhes em ambos os Evangelhos—onde Marcos diz que as mulheres compraram especiarias *após* o sábado e Lucas relata que elas prepararam as especiarias e *então descansaram no sábado*—podemos ver claramente que são mencionados *dois sábados diferentes*. O primeiro

A Cronologia Bíblica do Enterro e Ressurreição de Jesus Cristo



foi um “grande dia” (João 19:31)—o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos—que naquele ano, 31d.C., caiu numa quinta-feira. O segundo foi o sábado semanal do sétimo dia. (Veja abaixo “A Cronologia da Crucificação e Ressurreição de Cristo”).

O sinal do Messias

Depois que as mulheres descansaram no sábado semanal regular, então elas foram cedo ao sepulcro de Jesus no primeiro dia da semana (domingo), “sendo ainda escuro” (João 20:1), e descobriram que Ele já havia sido ressuscitado (Mateus 28:1-6; Marcos 16:2-6; Lucas 24:1-3). Quando permitimos que as Escrituras interpretem a si mesmas, todos os quatro relatos do Evangelho entram em harmonia e atestam a validade da promessa de Jesus de que estaria no túmulo por três dias e três noites—não apenas parte desse tempo.

Várias traduções da Bíblia reconhecem que esses eventos mostram que havia mais de um sábado. Em Mateus 28:1 algumas versões da Bíblia, incluindo o Novo Testamento Paralelo em Grego e Inglês de Alfred Marshall, a Tradução de Ferrar Fenton e a Tradução Literal de Green, traduzem corretamente esta frase como “depois dos sábados”. A Tradução Literal de Young e *O Dicionário Completo de Estudo de Palavras do Novo Testamento* (1992, pág. 1270) do mesmo modo reconhecem que aqui se refere a vários sábados.

O texto de Marcos 16:1-2 é confuso para alguns porque parece sugerir que as especiarias foram adquiridas após o sábado semanal, em vez de antes, na sexta-feira. No entanto, isso é explicado por Lucas 23:56, que mostra claramente que as mulheres compraram as especiarias antes e não depois do sábado semanal, “e descansaram no sábado segundo o mandamento”. Marcos não mencionou este sábado semanal de descanso em seu relato, mas Lucas, que, mais tarde, também escreveu seu relato desses eventos, fez isso.

Alguns também tropeçam em Marcos 16:9 ao não levar em conta que não existe pontuação no original grego. Portanto, para ficar em harmonia com o texto apresentado nos outros evangelhos, uma melhor tradução seria: “E Jesus, tendo ressuscitado, apareceu na manhã do primeiro dia da semana, primeiramente a Maria Madalena . . .”. Estes versículos não estão dizendo que Jesus ressuscitou cedo, na manhã de domingo, mas que Ele apareceu cedo, na manhã de domingo, a Maria Madalena, tendo já ressuscitado algum tempo antes.

Quando analisamos os detalhes em todos os quatro relatos dos Evangelhos, o quadro se torna claro. Jesus foi crucificado e sepultado no final da tarde de quarta-feira, pouco antes de um sábado, que começava ao entardecer. No entanto, este era um grande sábado, caindo naquele ano, no quinto dia da semana, do pôr-do-sol de quarta-feira ao pôr-do-sol de quinta-feira, ao invés de um sábado semanal, que é do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol sábado. Ele permaneceu sepultado do pôr-do-sol de quarta-feira até o pôr-do-sol do sábado, depois de ser ressuscitado dos mortos. Assim, quando

Maria Madalena chegou ao sepulcro, no domingo pela manhã antes do amanhecer, “enquanto ainda estava escuro”, ela encontrou a pedra removida e o sepulcro vazio.

Sem dúvida nenhuma, a duração do sepultamento de Cristo, antes de Sua ressurreição, que Ele predisse como prova de Seu caráter messiânico, foi exatamente o tempo que Ele disse que seria—igual aos “três dias e três noites [que Jonas ficou] na barriga do grande peixe” (Mateus 12:40). Assim, Jesus se levantou na tarde de sábado, próximo ao entardecer—não no domingo ao amanhecer—perfazendo assim, exatamente três dias e três noites depois que foi colocado no túmulo antes do pôr-do-sol da quarta-feira.

A profecia de Cristo sobre o tempo que Ele ficaria no túmulo foi cumprida com precisão. Como a maioria das pessoas não entende os grandes dias bíblicos observados por Jesus Cristo e seus seguidores, então elas não conseguem entender os detalhes cronológicos precisos, que foram preservados para nós nos Evangelhos [Ver págs. 28 e 29].

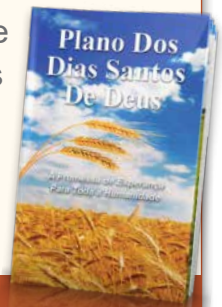
Um caminho melhor

Como vimos, o Domingo de Páscoa e seus costumes não se originaram da Bíblia, mas em rituais pagãos de fertilidade. É uma curiosa mescla de antigas práticas mitológicas e datação discricionária que obscurece e macula a prova da messianidade de Jesus Cristo e Sua ressurreição.

Agora que aprendemos sobre as fontes e origens desses dois importantes feriados religiosos, portanto, já estamos prontos para entender corretamente quais são os dias que o cristão deve observar. Deus, em Sua Palavra, nos mostra um melhor caminho de vida e com melhores dias de adoração que Ele escolheu para o Seu povo. O próximo capítulo revela os dias ordenados por Deus.

A maior parte de nós ouviu dizer que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados, mas o que é que isso quer dizer realmente? Por que é que a Sua morte foi necessária? Que parte desempanha o sacrifício de Cristo no plano de Deus para a humanidade? Como se reflecte a morte de Jesus Cristo nos festivais santos de Deus?

Para entender melhor, baixe ou solicite gratuitamente o nosso livro **“Plano Dos Dias Santos De Deus”**



portugues.ucg.org/estudos

A Ligação com a Ressurreição

Como é que o culto de antigos deuses e deusas chegou a ser associado com a morte e ressurreição de Jesus Cristo? Embora os detalhes se percam no tempo, um olhar mais atento para a antiga mitologia que cerca tal culto nos ajudará a entender como as práticas pagãs sobreviveram nos costumes populares do Domingo de Páscoa.

Dois desses primeiros deuses registrados foram o deus babilônico da fertilidade, Tamuz, e a deusa Ishtar. Acreditava-se que todos os anos Tamuz “morria, afastando-se da alegria da terra para o sombrio mundo subterrâneo” (Sir James Frazer, *O Ramo Dourado*, 1993, pág. 326).

O ciclo sazonal veio a ser ligado à suposta morte e ressurreição anual de Tamuz. “Sob os nomes de Osíris, Tamuz, Adonis e Attis, os povos do Egito e Ásia Ocidental representavam o declínio e renascimento anual da vida . . . que era personificada por um deus que anualmente morria e ressuscitava dentre os mortos. Em seus nomes e detalhes os ritos variavam de lugar para outro: mas essencialmente, eram os mesmos” (pág. 325).

Muitos desses rituais giravam em torno do ato de induzir o retorno de Tamuz dentre os mortos. Uma dessas cerimônias está registrada em Ezequiel 8:14, onde Ezequiel teve a visão de uma cena abominável: Mulheres “chorando por Tamuz” no próprio templo de Deus.

O Comentário Bíblico Expositivo diz o seguinte sobre este versículo: “Tamuz, que mais tarde foi ligado pelo nome a Adonis e Afrodite, era um deus da fertilidade e da chuva . . . No ciclo sazonal mitológico, ele morria no início do outono, quando a vegetação secava. Seu renascimento, através do pranto de Ishtar, era marcado pelo desabrochar da primavera e pela fertilidade da terra. Tal renovação era impulsionada e comemorada pelos festivais licenciosos da fertilidade... As mulheres ficavam lamentando a morte de Tamuz. Provavelmente, também seguiam o ritual de Ishtar, pranteando pelo renascimento de Tamuz” (Ralph Alexander, vol. 6, 1986, págs. 783-784).

À medida que o culto a Tamuz e Ishtar se espalhava pela região do Mediterrâneo, incluindo o território bíblico de Israel, a dupla de deuses passou a ser adorada sob outros nomes: Baal e Astarte (Astarote), Átis e Cibele e Adônis e Afrodite. Deus condenou veementemente esse culto sensual e pervertido a Baal e Astarte, a “Rainha do Céu” (Juízes 2:11-15; 3:7-8; 10:6-7; 1 Reis 11:4-6, 31, 33; 16:30-33; 22:51-53; 2 Reis 23:13; Jeremias 7:18).

Os costumes pré-cristãos ligados a Cristo

No culto da antiguidade encontramos a mitologia que acabaria por vincular esses costumes antigos à morte e ressurreição de Cristo. Diz Alan Watts: “Seria enfadonho descrever em detalhes tudo o que tem sido transmitido até nós sobre os vários rituais de Tamuz, Adonis . . .

e muitos outros deuses . . . Mas o seu tema universal—o drama da morte e ressurreição—torna-os precursores do Domingo de Páscoa cristão e, portanto, dos primeiros ‘ritos do Domingo de Páscoa’. À medida que passamos a descrever a cerimônia cristã do Domingo de Páscoa vamos ver como muitos de seus costumes e cerimônias lembram esses antigos rituais” (*O Domingo de Páscoa: Sua História e Significado*, 1950, pág. 58).

Watts descreve algumas das semelhanças e paralelos: “Pouco antes do equinócio vernal [primavera] . . . os membros desta seita [de

Tamuz e Ishtar, Átis e Cibele ou Adônis e Afrodite] começavam um jejum—como também jejuam os cristãos na Quaresma, a partir de quarenta dias antes do Domingo de Páscoa”.

Ele conta que alguns adoradores cortavam uma árvore e, em seguida, era levada “como reverência e cerimonial ao templo de Cibele e a fixava no centro do santuário”. Então, “em sua haste central [tronco] era pendurada a imagem do jovem deus” (pág. 59).

“Aqui, no restante dos dias de jejum, os fiéis se reuniam para cantar hinos de luto pelo falecido Átis . . . E até hoje, na sexta-feira na Adoração da Cruz, os cristãos cantam seu hino de luto por outro ser grandioso que morreu numa árvore . . .” (pág. 59).

Quando o jejum chega ao fim, um ritual extraordinário tomava lugar: “A imagem de Átis morto era retirada da árvore e enterrada sob o céu crepuscular. Até tarde da noite seus



Scott Ashley

Figurinhas de Astarte como esta são comumente encontradas no Oriente Médio e atestam a popularidade do culto desta antiga deusa da fertilidade e Tamuz, seu consorte. Acreditavam que Tamuz tinha sido ressuscitado na primavera, e os ritos associados com seu culto foram incorporados no Domingo de Páscoa.

devotos ficavam ao redor da sepultura e cantavam hinos de luto. Mas, quando se aproximava o amanhecer, uma grande luz se acendia, como a luz do Círio Pascal, dos cristãos de hoje em dia, acendida na véspera do Domingo de Páscoa como um símbolo de Cristo ressuscitado” (págs. 61-62).

Sir James Frazer descreve a adoração idólatra desta maneira: “A tristeza dos adoradores se tornava em alegria . . . O túmulo era aberto: o deus tinha ressuscitado dos mortos, e o sacerdote tocava os lábios das carpideiras com bálsamo e sussurrava suavemente em seus ouvidos as boas novas da salvação. A ressurreição do

deus era saudada por seus discípulos como uma promessa de que eles também ressurgiriam triunfantes da corrupção do sepulcro. No dia seguinte . . . a ressurreição divina era comemorada com uma explosão selvagem de alegria. Em Roma, e provavelmente em outros lugares, a festa tomou a forma de um carnaval” (pág. 350).

A adoção de uma antiga celebração

Em suas várias formas, o culto a Tamuz, Adônis ou Átis se espalhou pelo Império Romano, incluindo a própria Roma. E, à medida que o cristianismo se propagava pelo império, os líderes religiosos aparentemente juntaram os costumes e práticas associadas com esse deus “ressurreto” e aplicou-as ao Filho de Deus ressuscitado.

Frazer diz: “Quando refletimos como frequentemente a Igreja, com sutileza, tem planejado enxertar a semente da nova fé no velho tronco do paganismo, podemos supor que a celebração do Domingo de Páscoa de Cristo morto e ressuscitado foi enxertada sobre uma celebração similar de Adonis morto e ressuscitado” (pág. 345).

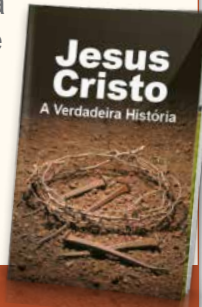
A este respeito, o Domingo de Páscoa seguiu o padrão do Natal, ao ser oficialmente sancionado e ordenado pela a igreja. Como Frazer continua a dizer: “Os mesmos motivos podem ter levado as autoridades eclesiásticas a assimilar a festa pascal da morte e ressurreição do seu Senhor com o festival da morte e ressurreição de outro deus asiático, que caía na mesma época. Hoje em dia, os rituais do Domingo de Páscoa ainda observados na Grécia, Sicília e sul da Itália têm em alguns aspectos, uma notável semelhança com os rituais de Adonis, e eu acredito que a Igreja possa ter, conscientemente, adaptado esse novo festival ao seu antecessor pagão para ganhar almas para Cristo” (pág. 359).

Para descobrir o que Deus pensa dessa mescla de costumes associados ao culto de outros deuses com Sua adoração, não deixe de ler “Isto é Importante para Deus?” A partir da página 41.

Qual é a verdadeira história de Jesus Cristo? Será que realmente sabemos o que Ele está fazendo? Será que estamos realmente preparando-nos para sermos aceites e recompensados por Ele quando Ele estabelecer Seu Reino? E o que é que o Reino de Deus?

Para entender melhor, baixe ou solicite gratuitamente nosso guia de estudo Bíblico
“Jesus Cristo: A Verdadeira História”

portugues.ucg.org/estudos



Os Símbolos da Fertilidade: Inferiores à Nobreza de Deus

Por ser a reprodução na natureza fundamental para a alimentação e a perpetuação da vida, desde há muito tempo a humanidade tem estado intrigada com a fertilidade. Alguma vez você já se perguntou por que ovos e coelhos—marcas registradas da páscoa pagã—foram escolhidos como símbolos de fertilidade?

“Na religião popular tradicional o ovo é um poderoso símbolo da pureza, fertilidade e renascimento. Ele é usado em rituais mágicos para promover a fertilidade e restaurar a virilidade; para ver o futuro; para trazer bom tempo; para incentivar o crescimento das culturas e proteger os animais e as crianças contra a má sorte, especialmente do temido mau-olhado. Em todo o mundo ele representa a vida e a criação, a fertilidade e a ressurreição . . . Depois [esses costumes relativos a ovos] foram ligados ao Domingo de Páscoa. A igreja não se opôs a isso, apesar de muitos dos costumes desses ovos terem origem pré-cristã, porque o ovo forneceu um símbolo novo e poderoso da ressurreição e da transformação da morte em vida” (A Enciclopédia de Religião, 1987, pág. 37, “Ovo de Páscoa”).

O coelhinho da Páscoa é o substituto moderno para “o coelho, símbolo da fertilidade no antigo Egito” (Enciclopédia Britânica, 15ª edição, Macropédia, pág. 333, “Páscoa Pagã”). Não é nenhum segredo que os coelhos são extremamente prolíficos. A jovem fêmea da espécie tem várias ninhadas entre dois a oito anos de vida e a gestação demora cerca de um mês. Ao contrário da instrução de Deus, estes símbolos de fertilidade pagãos conferem poderes divinos para a criação (coelhos e ovos) em vez do Criador (Romanos 1:21-25).

Em contraste com as celebrações pagãs, Deus prometeu abençoar abundantemente o Seu povo em troca de seu amor e obediência. Veja as palavras de encorajamento de Moisés a Israel pouco antes de sua morte:

“Será, pois, que, se, ouvindo estes juízos, os guardardes e fizerdes, o SENHOR, teu Deus, te guardará o concerto e a beneficência que jurou a teus pais; e amar-te-á, e abençoar-te-á, e te fará multiplicar, e abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o teu cereal, e o teu mosto, e o teu azeite, e a criação das tuas vacas, e o rebanho do teu gado miúdo, na terra que jurou a teus pais dar-te. Bendito serás mais do que todos os povos; nem macho nem fêmea entre ti haverá estéril, nem entre os teus animais” (Deuteronômio 7:12-14).

As pessoas têm escolhido olhar para Deus como seu Criador através das bênçãos da fertilidade ou olhando para a criação. Diante da história de coelhos e ovos, como símbolos pagãos da fertilidade, você acha que Deus fica satisfeito quando as pessoas usam esses símbolos em Sua adoração? Para a resposta, ver “Isto é Importante para Deus?” A partir da página 41.

Os Dias de Deus Para Sua Adoração

Ejá que a Palavra de Deus não admite a celebração do Natal ou do Domingo de Páscoa e condena os enfeites pagãos associados a esses feriados religiosos, criados por seres humanos, então como os cristãos devem adorar a Deus? Existem celebrações anuais que os cristãos *devem* observar?

Deus nos deu sete festivais anuais, ou festas, nas quais devemos adorá-Lo e honrá-Lo. Ao observarmos essas festas, de acordo com a Sua Palavra, podemos compreender Seu plano final para a humanidade. A seguir vamos estudar sobre os dias que *Deus* nos instruiu para Seu culto formal. Suas festas são muito mais significativas do que esses feriados religiosos deste mundo, porque revelam Seu plano para a humanidade.

O primeiro dia ordenado para o culto

O capítulo 23 do livro de Levítico lista, sequencialmente, todos os festivais ordenados por Deus. O primeiro é para ser observado a cada semana —o dia de sábado semanal (Levítico 23:3).

No primeiro livro da Bíblia, Gênesis, vemos que Deus criou o homem no sexto dia da semana da criação (Gênesis 1:24-31). “E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera” (Gênesis 2:2-3).

A palavra hebraica para “descansou” é *shabath* e está relacionado com a palavra sábado. Literalmente, Deus *sabadou*, ou descansou, ou seja, Ele encerrou o trabalho de criação (Êxodo 20:8-11).

Ao descansar, Deus também abençoou e santificou o sétimo dia como um presente para a humanidade (Gênesis 2:2-3; Êxodo 16:29). *Santificar* algo significa *separá-lo como santo*. Como Deus tornou santo o sábado (Êxodo 16:23; 20:11; Neemias 9:14), Ele também instruiu àqueles que O seguiriam a lembrarem-se de *guardá-lo* como sagrado, assim descansando nele (Êxodo 20:8-11; Deuteronômio 5 :12-15). Então, guardar o sábado nos faz lembrar que Deus é nosso Criador.

Além de criar o sábado para o descanso, Deus também revelou que este é um dia de adoração. Em Levítico 23, Ele disse a Moisés: “Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: As solenidades do SENHOR, que convocareis, serão *santas convocações*; estas são as minhas solenidades. Seis dias obra se fará, mas o sétimo dia será o sábado do descanso, *santa convocação*; nenhuma obra fareis; sábado do SENHOR é em todas as vossas habitações” (versículos 2-3). Santas convocações são assembléias sagradas para a adoração.

Quando Jesus Cristo veio viver como um ser humano na Terra, Ele não veio para abolir ou enfraquecer os mandamentos de Deus (Mateus 5:17). Ele veio para “exaltar a lei e torná-la gloriosa” (Isaías 42:21). Jesus guardou o sábado (Marcos 1:21; 6:2; Lucas 4:16; 6:6), como fizeram os apóstolos e outros membros da Igreja primitiva (Atos 13:14; 17:2). Os crentes gentios se reuniam com os apóstolos no sábado (Atos 13:42, 44; 18:4).

Esta bênção de Deus, consagrada em um dos Dez Mandamentos, não foi mudada. O sétimo dia da semana—observado do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol do sábado—continuou como dia santo de Deus ordenado para descanso e adoração. Apesar de que *pessoas* mal orientadas, mais tarde, tenham começado uma mudança para a adoração no domingo, a ordem de Deus nunca foi revogada, nem houve autorização bíblica para uma mudança para o primeiro dia da semana.

Deus nos deu sete festivais anuais, ou festas, nas quais devemos adorá-Lo e honrá-Lo. Suas festas são muito mais significativas do que os feriados religiosos deste mundo porque revelam o Seu plano para a humanidade.

Esta é apenas uma breve explicação do Quarto Mandamento de Deus. Se você gostaria de descobrir muito mais sobre o sábado bíblico, baixe ou solicite a sua cópia gratuita do nosso livro *O Sábado: de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol, O Dia do Descanso de Deus*.

Além do sábado semanal, Deus deu a Seu povo os festivais anuais que correspondem com as épocas de colheitas de Israel. Estes também são “santas convocações” a serem observados no tempo apropriado (Levítico 23:4) e representam plano mestre de Deus para salvação de toda a humanidade.

A Páscoa

A Páscoa (Levítico 23:5), que cai no início da primavera na Terra Santa, é uma lembrança de como Deus tirou a vida de todos os primogênitos egípcios (Êxodo 12:7, 26-29), mas *passou por cima* das casas dos israelitas porque eles tinham colocado o sangue de um cordeiro sacrificado nas esquadrias das portas.

O sangue do cordeiro prefigurava o sacrifício de Jesus Cristo, quem poupa a humanidade da morte eterna. No Novo Testamento, os cristãos passaram a entender que Cristo é o verdadeiro Cordeiro pascal (comparar Êxodo 12:21 com 1 Coríntios 5:7). Ao observar a Sua última Páscoa com Seus discípulos, Jesus explicou que os símbolos do pão e do vinho representavam Seu corpo e sangue, oferecido por Ele para o perdão dos nossos pecados (Mateus 26:26-28; Marcos 14:22-24).

Então, a morte de Cristo realmente aconteceu durante as horas diurnas que se seguiram—que ainda era a mesma data, de acordo com

o cômputo hebraico dos dias serem dum pôr-do-sol a outro. Assim, Ele foi sacrificado no dia da Páscoa.

A observância deste evento anual, indicando a morte de Jesus, (1 Coríntios 11:26) nos lembra que a vida eterna só é possível por meio dEle (João 6:47-54; Atos 4:10-12). Seu sacrifício é o ponto de partida para a salvação e é o fundamento das festas anuais seguintes.

A Festa dos Pães Asmos

Juntamente com a Páscoa, Deus instituiu a festa de sete dias dos Pães Asmos, que segue imediatamente à Páscoa (Levítico 23:6-8). Historicamente, os dias dos Pães Asmos comemoram a fuga dos antigos israelitas do Egito a qual foi tão apressada que não tiveram tempo para deixar o seu pão fermentar (Êxodo 12:33-34). Esta festa ocorria em Israel ao começo da colheita da cevada durante o início da Primavera.

Deus ordenou aos israelitas que observem este festival removendo o fermento (levedura) de suas casas por sete dias. O primeiro e o último dia deste festival, que dura uma semana, foram designados especificamente como santas convocações—sábados anuais—dias dedicados ao descanso e à reunião para adoração.

Por que que as pessoas decidem rejeitar as instruções de Deus e os Seus maravilhosos dias de festa, especialmente porque Ele nos deu esses dias para nos revelar a razão por que que vivemos?

Durante Seu ministério terreno, Jesus identificou o fermento como símbolo do pecado (Mateus 16:6-12; Marcos 8:15; Lucas 12:1). Posteriormente, os membros da Igreja primitiva continuaram a observar essa festa, tirando o fermento de suas casas por uma semana como símbolo de mentes limpas e atitudes que Deus deseja de Seu povo (1 Coríntios 5:6-8). Depois de aceitar o sacrifício de Cristo por nossos pecados, nós devemos seguir o Seu exemplo na prática da justiça.

E foi durante esta festa que Jesus ressuscitou dentre os mortos—um fator essencial para que nós sejamos guiados para longe do pecado e para o Reino de Deus.

A Festa de Pentecostes

O terceiro festival anual é a Festa das Semanas ou Pentecostes (Levítico 23:16-21; Atos 2:1). Esta festa, também chamada de Festa da Colheita ou Primícias (Êxodo 23:16; 34:22), corresponde ao início da última colheita de trigo da primavera em Israel, sendo o dia em que Deus milagrosamente concedeu o Espírito Santo para a Igreja do Novo Testamento (Atos 2).

A Festa de Pentecostes continua lembrando-nos que Deus é o Senhor de Sua colheita, escolhendo e preparando as primícias de Seu Reino vindouro, concedendo-lhes o Seu Espírito (Mateus 9:38; Lucas 10:02; Romanos 8:23; Tiago 1:18). O Espírito de Deus nos capacita a ter o Seu amor, a motivação

para obedecer-Lhe e uma mente sã para discernir a Sua verdade (2 Timóteo 1:7; João 15:26; 16:13). Apenas aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são chamados filhos de Deus (Romanos 8:9, 14).

A Festa das Trombetas

A próxima festa, no final do verão ou início do outono em Israel, é a Festa das Trombetas (Levítico 23:24-25). A antiga Israel compreendeu que as trombetas eram usadas como forma de anunciar mensagens especiais (Números 10:1-10).

O Novo Testamento revela um grande evento a ser anunciado ao som de uma trombeta—o retorno de Jesus Cristo à Terra (Apocalipse 8:2; 11:15). Este dia também retrata o momento em que os cristãos fiéis, já falecidos, serão ressuscitados para a vida (1 Coríntios 15:52; 1 Tessalonicenses 4:16) para reinar com Cristo por mil anos (Apocalipse 20:4-6).

É interessante notar que foi nesta época do ano que Jesus nasceu—não no auge do inverno (ver “As Evidências Bíblicas Mostram que Jesus não Nasceu em 25 de Dezembro” na página 14). E essa temporada da festa de outono representa o momento em que Cristo virá novamente à Terra para reinar esplendorosamente.

As outras festas de outono descrevem passos no estabelecimento na Terra do profetizado Reino de Deus e o julgamento da humanidade após o retorno de Cristo.

O Dia da Expição

O Dia da Expição é a próxima convocação santa (Levítico 23:26-32). Observada com jejum (versículo 27; comparar Isaías 58:3), abstendo-se de comer e de beber (Ester 4:16), este dia representa a necessidade da humanidade de se reconciliar com Deus através do perdão dos pecados.

No retorno de Cristo, Satanás, o diabo, que agora lidera a humanidade para o caminho errado, (Efésios 2:2; Apocalipse 12:9), será preso (20:1-3), para que as nações possam ser reconciliadas com o Pai através de Cristo. Lucas se referiu a esta observância como “o jejum” em Atos 27:9.

A Festa dos Tabernáculos

O próximo período festivo dura oito dias (Levítico 23:33-39) e retrata as etapas finais no plano mestre de Deus para trazer toda a humanidade à Sua família eterna. Este período inclui as duas últimas festas anuais de Deus e marca a celebração da conclusão de um ano cheio de colheitas. As duas festas simbolizam as duas últimas grandes colheitas espirituais dos seres humanos sob o reinado de Jesus Cristo.

Os primeiros sete dias, a Festa dos Tabernáculos, também conhecida como a Festa da Colheita, marcam este período de grande colheita (Êxodo 23:16), retratando o reinado de mil anos de Jesus Cristo, logo após Seu retorno à Terra (ver Apocalipse 20:4-6), conhecido como o Milênio.

Isaías descreve esse período futuro como um tempo de paz, quando a lei

As Festas de Deus no Novo Testamento

Observância bíblica	Ordenadas no Antigo Testamento	Observadas por Jesus Cristo, pelos apóstolos e pela Igreja no Novo Testamento
Páscoa	Levítico 23:5	Mateus 26:2, 17-19; Marcos 14:12-16; Lucas 2:41-42; 22:1, 7-20; João 2:13, 23; 6:4; 13:1-30; 1 Coríntios 11:23-29
Festa dos Pães	Levítico 23:6-8	Mateus 26:17; Marcos 4:12; Lucas 2:41-42, 2:1, 7; Atos 20:6; 1 Coríntios 5:6-8
Festa de Pentecostes	Levítico 23:15-22	Atos 2:1-21; 20:16; 1 Coríntios 16:8
Festa das Trombetas*	Levítico 23:23-25	Mateus 24:30-31; 1 Tessalonicenses 4:16-17; Apocalipse 11:15
Dia da Expição	Levítico 23:26-32	Atos 27:9
Festa dos Tabernáculos	Levítico 23:33-43	João 7:1-2, 8, 10, 14
Oitavo Dia (às vezes conhecido como o Último Grande Dia)	Levítico 23:36, 39	João capítulos 7-9

*Embora a Festa das Trombetas não seja mencionada pelo nome no Novo Testamento, o tema do dia—o soar das trombetas que anunciam o retorno de Jesus Cristo—é mencionado por vários autores do Novo Testamento, como observado nas referências.

de Deus abrangerá todas as nações desde Jerusalém (Isaías 2:2-4). A natureza selvagem de alguns animais será transformada (Isaías 11:6; 65:25), a terra se tornará altamente produtiva (Isaías 35:1), e, ainda mais importante, “a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Isaías 11:9). Com a remoção da influência maligna de Satanás, toda a humanidade passará a aprender os caminhos de Deus.

Este ambiente perfeito será estabelecido para oferecer a todas as pessoas a oportunidade de se arrepender de seus pecados e se aproximar de Deus Pai, por meio de Jesus Cristo. A Bíblia mostra que Jesus guardou esta importante festa (João 7:2, 10, 14).

O Oitavo Dia (O Último Grande Dia)

O passo final no plano de salvação de Deus para toda a humanidade é representada por uma festa ao encerramento da Festa dos Tabernáculos (Levítico 23:39). Também chamado de Oitavo Dia ou o Último Grande Dia, esta festa representa o grande julgamento da humanidade descrito em Apocalipse 20:11-13. Durante este tempo todas as pessoas que morreram sem conhecer o plano de Deus para a humanidade serão ressuscitadas à vida para receberem a oportunidade de responder ao chamado de Deus. Assim, esta festa representa a conclusão da colheita espiritual da humanidade.

Nosso Criador quer que “todos os homens se salvem” (1 Timóteo 2:4), “não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pedro 3:9). Através do Seu maravilhoso plano todos terão a oportunidade de conhecer a Sua verdade, arrepender-se e receber a salvação.

A Igreja do primeiro século seguiu o exemplo de Jesus, observando esses dias. Pedro e João exortavam aos irmãos a seguir as pisadas de Jesus (1 Pedro 2:21), para “andar assim como Ele andou” (1 João 2:6). Eles obedeceram a ordem de Cristo de ensinar os convertidos a “guardar todas as coisas que Eu [Jesus] vos tenho mandado” (Mateus 28:19-20).

Obediência ou idolatria?

Os costumes enraizados no paganismo violam os dois primeiros Mandamentos. Será que Deus está contente quando as pessoas alegam adorá-Lo através de celebrações de deuses e deusas pagãs em seus feriados religiosos inventados, enquanto ignoram os Seus dias e modos de adoração ordenados?

Comemorar o aniversário do deus sol ou adotar rituais de fertilidade para outros deuses e deusas viola a instrução clara de Deus: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3).

Inventar festas religiosas para substituir aquelas dadas por Deus contradiz o Seu ensinamento: “Não farás para ti imagem de escultura . . . Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso” (versículos 4-5). Substituir com costumes e práticas pagãs o que Deus tem ordenado—independente de quão boa seja a intenção—é idolatria.

Por que alguém iria optar por rejeitar as instruções de Deus e Suas festas maravilhosas, especialmente ao saber que elas nos revelam nosso destino final? Para descobrir mais sobre esses magníficos festivais e como observá-los, certifique-se de solicitar a sua cópia gratuita do nosso livro *O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança Para Toda a Humanidade*. Você vai encontrar provas de que Jesus e os apóstolos observaram esses dias e vai aprender muito mais sobre sua importância, que nos ajudam a entender o plano mestre de Deus para toda a humanidade.

Seguindo o ensinamento e exemplo de Jesus Cristo, dos apóstolos e da Igreja primitiva do Novo Testamento, os membros da Igreja de Deus Unida continuam observando esses dias anuais. São bem-vindos todos os que desejam se juntar a nós na adoração ao nosso Criador nesses grandes festivais de esperança. Convidamos-lhe a entrar em contato com nosso escritório mais próximo para localizar uma congregação perto de você.

E quanto ao Dia de Ação de Graças, ao Hanuká e ao Purim?

Pelo fato de os judeus terem acrescentado as festas do Purim (cuja origem é descrita no livro de Ester) e do Hanuká, também conhecida como a Festa das Luzes ou Festa da Dedicção (mencionada em João 10:22-23), alguns acreditam que estamos livres para acrescentarmos todos os feriados e celebrações religiosas de nossa própria escolha. Isso é verdade?

Existem diferenças importantes por trás da intenção dessas observâncias, que se tornam óbvias quando comparadas ao Natal, ao Domingo de Páscoa e ao Halloween (Dia das Bruxas). Os judeus instituíram o Purim para comemorar sua libertação na época de Ester e o Hanuká para celebrar a rededicação do templo de Jerusalém após ser contaminado pelo invasor sírio Antíoco Epifânio.

Nenhuma dessas celebrações teve origem no paganismo, embora ao longo dos séculos, estas celebrações tenham adquirido algumas práticas pagãs, como a sarça do Hanuká, que derivam do paganismo.

Em sua forma original, o Hanuká e o Purim, como também o feriado norte-americano do Dia de Ação de Graças, são celebrações de agradecimento e honra a Deus por Sua intervenção e bênçãos. A forma como alguns norte-americanos comemoram o Dia de Ação de Graças está longe da intenção original, mas isso não muda o significado e valor real desse dia.

Uma distinção importante entre os feriados aceitáveis e aqueles originados no paganismo (como o Natal e o Domingo de Páscoa) é que eles não mudam, substituem ou distorcem o significado de uma festa santa de Deus ou qualquer outra verdade bíblica.

Isto é Importante para Deus?

Durante os dois últimos milênios, o cristianismo tradicional tem deixado de lado sistematicamente os “dias de festa do SENHOR” e estabelecido suas próprias festas religiosas. O Natal foi inventado para permitir que os pagãos convertidos entrassem em comunhão com a igreja sem abandonar seus costumes e práticas pagãs. O Domingo de Páscoa é um substituto para a Páscoa bíblica e os Dias dos Pães Asmos.

Até o sábado semanal foi abandonado em favor do domingo, o dia pagão do sol, supostamente para comemorar a ressurreição de Jesus (embora, como já foi demonstrado, aconteceu não no domingo de manhã, mas no final do sábado semanal, ao pôr-do-sol).

Embora devêssemos reconhecer imediatamente que ignorar as instruções de Deus é um comportamento perigoso, vamos analisar, a partir do relato bíblico, se essas invenções e mudanças na adoração são aceitáveis para o nosso Deus Criador.

Mudando as instruções de Deus

Quando Deus começou a trabalhar com os antigos israelitas, Ele pretendia que eles fossem um exemplo de obediência para as nações ao seu redor (Deuteronômio 4:1, 6-8). Eles deveriam ser uma nação modelo, mostrando a outros povos que o caminho de vida de Deus produz abundantes bênçãos. Suas experiências nos servem como um exemplo permanente (1 Coríntios 10:1-11).

Durante o tempo no Egito, os israelitas foram expostos à cultura e às cerimônias de culto dos egípcios. Observe o que diz o *Dicionário Bíblico de Unger* sobre esta cultura: “A religião egípcia era um aglomerado politeísta extremamente confuso em que muitas divindades dos períodos iniciais, onde cada cidade tinha a sua própria divindade, foram mantidas . . .

“Cada objeto contemplado, cada fenômeno da natureza, pensava-se ser habitado por um espírito que podia escolher sua própria forma, possuindo o corpo de um crocodilo, de um peixe, de uma vaca, de um gato, etc. Por isso os egípcios tinham vários animais sagrados, principalmente o touro, a vaca, o gato, o babuíno, o chacal e o crocodilo” (1966, pág. 291, “Egito”).

Pouco depois de libertar milagrosamente os israelitas da escravidão no Egito, Deus os instruiu a como queria ser adorado. Ele lhes deu os Seus mandamentos (Êxodo 20), juntamente com estatutos e juízos, detalhando como aplicá-los (Êxodo 21-22). Deus revelou Seus dias de festa (Êxodo 23:14-17; Levítico 23) e deu instruções a respeito de um sacerdócio, do tabernáculo e das ofertas (Êxodo 25-31). Deus disse a Moisés para subir ao Monte Sinai e deu-lhe duas tábuas de pedra gravadas com os Dez Mandamentos (Êxodo 24:12; 31:18).

Como Moisés demorava descer do Monte Sinai (Êxodo 32:1), as pessoas instigaram seu irmão Arão a moldar um ídolo para que adorassem. Basicamente, eles misturaram a forma de adoração egípcia com as instruções que acabaram de receber de Deus. A prática de misturar crenças e práticas religiosas é conhecida como sincretismo.

Depois de forjar uma imagem de ouro de um bezerro, Arão proclamou o dia seguinte como feriado religioso, uma “festa ao SENHOR” (versículos 4-5). Então, eles, “na manhã seguinte, ofereceram holocaustos e sacrifícios de comunhão. O povo se assentou para comer e beber, e levantou-se para se entregar à farra” (versículo 6, NVI). Esta celebração combinava a instrução de Deus com a prática e a tradição religiosa egípcia.

A Bíblia não diz por que os israelitas escolheram esta mistura de culto. Talvez tenham pensado que não seria uma boa ideia abandonar todas as formas de adoração conhecidas de uma só vez, então eles simplesmente praticaram aquilo que estavam acostumados no período que ficaram submetidos à cultura egípcia. Seja qual for o pensamento deles, Deus não estava satisfeito. Ele disse a Moisés: “Desça, porque o seu povo, que você tirou do Egito, corrompeu-se. *Muito depressa se desviaram daquilo que lhes ordenei*” (versículos 7-8, NVI).

Através de Sua Palavra Deus mostra que espera mais daqueles que afirmam segui-Lo. Ele quer que as pessoas O adorem “em espírito e em verdade” (João 4:23-24)—não com práticas vis, corruptas e originadas da adoração de outros deuses.

As consequências da adoração inútil

Não havia justificativa para os israelitas se afastarem das instruções ordenadas por Deus no deserto. Por isso, Deus ficou tão irritado com essa atitude que estava pronto para destruir toda a nação (Êxodo 32:10). E foi somente por causa das súplicas de Moisés que Deus cedeu e resolveu poupá-los (versículos 11-14).

A experiência da antiga Israel, combinando partes da instrução de Deus com os costumes e elementos pagãos foi um desastre. Como punição por este pecado, três mil homens perderam suas vidas (versículos 27-28). Aqueles que não foram mortos tiveram que beber água poluída com o pó do ídolo, que foi moído (versículo 20).

A atitude presunçosa—tomar a liberdade de fazer coisas não autorizadas, como mudar as instruções de adoração a Deus—é pecaminosa. A Bíblia descreve as ações dos israelitas como um “*grande pecado*” (versículos 21, 30, 31). A lei de Deus é clara a respeito do comportamento arrogante (Números 15:30-31).

Este princípio continua valendo hoje para o povo de Deus. Uma vez que chegamos a compreender a Sua verdade, temos a obrigação de tomar medidas para obedecer a Deus. Temos de reconhecer que o ensinamento e os exemplos em Sua Palavra foram registrados para a nossa instrução e benefício espiritual (1 Coríntios 10:6, 11; Romanos 15:4).

Outras advertências para os cristãos

Aparentemente, a geração de israelitas que adorou o bezerro de ouro nunca aprendeu a confiar e obedecer a Deus. Pouco tempo depois, enquanto se preparavam para irem à terra que Deus lhes havia prometido, eles ficaram com medo dos habitantes da terra e se recusaram a entrar (Números 13-14). Como resultado, Deus disse-lhes que iriam vagar quarenta anos no deserto até que morressem todos aqueles que se recusaram a seguir Suas instruções (Números 14:33). Após a morte deles, Deus, então, começou a preparar a próxima geração para entrar em Canaã.

Parte das instruções de Deus incluía uma advertência explícita contra *a inclusão de costumes pagãos em Sua adoração*. Aqui estão Suas exatas palavras: “Quando o SENHOR, teu Deus, desarraigar de diante de ti as nações, aonde vais a possuí-las, e as possuíres e habitares na sua terra, *guarda-te que te não enlaces após elas, depois que forem destruídas diante de ti; e que não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: Assim como serviram estas nações os seus deuses, do mesmo modo também farei eu*”.

“*Assim não farás ao SENHOR, teu Deus, porque tudo o que é abominável ao SENHOR e que ele aborrece fizeram eles a seus deuses, pois até seus filhos e suas filhas queimaram com fogo aos seus deuses. Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás*” (Deuteronômio 12:29-32).

Infelizmente, os israelitas, quase sempre, não escutavam as advertências de Deus. E, de vez em quando, se deixavam fascinar pelas práticas religiosas dos povos que os rodeavam, querendo tirar proveito disso e caíram na adoração idólatra.

No ano 600 a.C. Deus deu mais três advertências contra este tipo de comportamento. Primeiro, através do profeta Jeremias, Deus disse: “Não aprendais o caminho das nações, nem vos espanteis com os sinais dos céus; porque com eles se atemorizam as nações” (Jeremias 10:2). Aqui, Deus advertiu seu povo contra as práticas de adoração dos gentios (não israelitas) dos corpos celestes (como o culto ao sol no dia 25 de dezembro) e contra toda tipo de astrologia.

Nos versículos seguintes (3-9), Deus descreve alguns dos costumes idólatras deles. Eles cortam uma árvore da floresta, fixam-na e a decoram com metais preciosos.

Embora este relato esteja se referindo especificamente à criação de um objeto de adoração idólatra (versículos 6-8), aqui a ordem de Deus de “não aprender o caminho dos gentios”, se aplica a todos os costumes religiosos pagãos. A árvore de Natal, o visco e as luzes coloridas que vêm das celebrações pagãs do solstício de inverno, dos coelhos e ovos de páscoa como símbolos de fertilidade, e a festa demoníaca do Dia das Bruxas (Halloween), todos se enquadram nessa proibição. Da mesma forma uma série de outras tradições modernas, como a celebração do Ano Novo e o Dia dos Namorados, também se encaixam nessa proibição—pois esses dias também têm origem na adoração pagã. (Você pode

pesquisar para obter mais informações sobre esses assuntos em nosso site portugues.ucg.org).

Ao dar esta instrução contra aprender o caminho dos gentios, Deus queria que Seu povo evitasse o mesmo pecado que seus antepassados haviam cometido com o bezerro de ouro.

Alguns anos após a declaração em Jeremias, Deus voltou a expressar Sua ira com o Seu povo: “Porque adulteraram, e sangue se acha nas suas mãos; com os seus ídolos adulteraram, e até os seus filhos, que de mim geraram, fizeram passar pelo fogo, para os consumirem. E ainda isto me fizeram: contaminaram o meu santuário no mesmo dia e profanaram os meus sábados. Porquanto, havendo sacrificado seus filhos aos seus ídolos, vinham ao meu santuário no mesmo dia para o profanarem; e eis que assim fizeram no meio da minha casa” (Ezequiel 23:37-39).

Aqui parece que Israel praticava um dos costumes como aqueles originados da associação com a saturnália e o culto a Saturno—o sacrifício de crianças—e, em seguida, vieram adorar a Deus num de Seus sábados!

Através do profeta Sofonias Deus condenou “os que sobre os telhados se curvam ao exército do céu; e os que se inclinam jurando ao SENHOR e juram por Malcã” (Sofonias 1:5). Deus não se agrada quando as pessoas têm o coração dobre (Tiago 1:8; 4:8) em Sua adoração—aceitando falsas religiões e costumes, enquanto que professam adorá-Lo.

Uma mensagem constante em toda a Bíblia

Erroneamente, algumas pessoas pensam que as proibições do Antigo Testamento contra a mistura do paganismo com a adoração divina foram abolidas nos tempos apostólicos. Nada poderia estar tão longe da verdade.

Para provar a continuidade do ensinamento de Deus no Novo Testamento, vamos ponderar sobre a cidade de Corinto. Aqui encontramos um dos exemplos mais instrutivos sobre a mistura do paganismo com o cristianismo.

Estrategicamente localizada ao sul do istmo de ligação da Grécia central com o Peloponeso, esta cidade estava assentada numa importante rota comercial. Seus habitantes se enriqueceram por causa do transporte de mercadorias através dessa faixa de terra de quatro quilômetros, que encurtava em mais de trezentos quilômetros a viagem de navio dos comerciantes. O culto a Afrodite (deusa grega do amor) fazia parte da história da cidade. A cidade também tinha um templo dedicado a Apolo, o deus grego do sol.

Como era Corinto no primeiro século? “[Aqui] o apóstolo Paulo estabeleceu uma igreja próspera, constituída por uma miscelânea de pessoas de todo o mundo, que haviam ido a Corinto para participar dos jogos, da prostituição legalizada do templo, de negócios fortuitos e diversões disponíveis nessa cidade litorânea do primeiro século . . .

“A cidade logo se tornou um caldeirão para cerca de quinhentas mil pessoas que viviam ali no momento da chegada de Paulo. Comerciantes e marinheiros, ansiosos para trabalhar nas docas, migravam para Corinto. Jogadores profissionais e atletas apostavam nos jogos ístmicos e ali passavam a

residir. Os escravos alforriados, às vezes sem lugar para ir, vagavam pelas ruas dia e noite. E a prostituição (masculina e feminina) era abundante. As pessoas de Roma, do resto da Grécia, do Egito e da Ásia Menor—na verdade, de todo o mundo mediterrâneo—apreciavam a falta de normas morais e a liberdade de pensamento que imperava na cidade.

“Essas eram as pessoas que acabaram compondo a igreja de Corinto. Elas tiveram que aprender a viver juntas em harmonia, apesar de que suas raízes nacionais, sociais, econômicas e religiosas fossem muito diferentes” (*Novo Dicionário Bíblico Ilustrado de Nelson*, “Corinto”).

A instrução de Paulo em relação a outras práticas religiosas

Ao escrever para este grupo diversificado, principalmente aos gentios, que tinham uma tradição de adoração a ídolos (1 Coríntios 12:2), Paulo tratou da questão dizendo que os costumes e práticas religiosas pagãs não podem ter lugar entre o povo de Deus:

“Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

“Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso. Pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (2 Coríntios 6:14-18; 7:1).

Em vez de renomear alguns dos costumes pagãos como cristãos ou permitir que os novos convertidos mantenham algumas de suas práticas anteriores, o apóstolo Paulo ordenou que deixassem para trás todas essas formas de culto. Ele condenou a imoralidade sexual que fazia parte dos rituais de fertilidade em honra à deusa Afrodite (1 Coríntios 6:13, 18; 1 Tessalonicenses 4:3). Sem dúvida, a nova igreja não participou das celebrações do solstício de inverno, em honra ao deus sol, Apolo. Nem usaram isso para honrar a Cristo—pois isso, de modo algum, seria honrar a Cristo.

O cristianismo, fiel à Bíblia, ensina a seus seguidores que “o nosso velho homem foi com Ele [Jesus Cristo] crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado” (Romanos 6:6). Se alguém está muito empenhado em seguir a Cristo, “nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17).

Paulo explica que não devemos continuar guardando nossas antigas e favoritas tradições religiosas. Na verdade, “tudo se fez novo”! Como parte do despojar do “velho homem” (Efésios 4:22; Colossenses 3:9), a nossa antiga maneira de adoração deve desaparecer.

Como Jesus ensinou, simplesmente não podemos servir a dois senhores (Mateus 6:24, Lucas 16:13). Não podemos abraçar simultaneamente a dois sistemas antagônicos de culto.

Nós vemos a continuidade óbvia entre o Antigo e o Novo Testamento da Bíblia. O Novo Testamento também proíbe a mistura de tradições pagãs com a “adoração em espírito e verdade” que Deus ordena (João 4:23-24).

A autoridade do homem ou de Deus?

E considerando que Deus se opõe veementemente às mudanças de Seus dias de adoração revelados (Deuteronômio 12:32; Apocalipse 22:18-19), com que autoridade é que os seres humanos mudaram os dias que devemos observar? Aqui está o que *A Enciclopédia Britânica* diz sobre alguns dos primeiros cristãos: “Apesar de muitos discípulos [de Jesus] continuarem a observar os tempos especiais e as estações da lei judaica, os novos convertidos rompiam com esse costume, porque consideraram que já não era mais preciso ou necessário” (15ª edição, vol. 4, pág. 601, “O Ano da Igreja”). Observemos que não houve autorização divina. O povo decidiu fazer esta mudança por conta própria.

Uma das mudanças concebida por seres humanos nos primeiros séculos depois de Cristo foi a de adorar no domingo ao invés do sábado, o sétimo dia, o dia autorizado na Bíblia. A mesma fonte reconhece que “os relatos do Novo Testamento não explicam como a prática começou” (ibidem, pág. 603). Embora alguns tenham teorizado que essa mudança ocorreu em honra a ressurreição de Cristo, mas já vimos que esse raciocínio é falho porque Ele ressuscitou perto do pôr-do-sol do sábado e não no domingo.

A substituição das festas anuais de Deus pelos feriados religiosos pagãos também foi feito com o mesmo espírito. Outro artigo dessa mesma enciclopédia admite com franqueza: “Ao contrário do ciclo de festas e jejuns da lei judaica, o [atual] ciclo anual de feriados cristãos nunca foi baseado numa revelação divina. Aliás, estes feriados são uma tradição que está sempre sujeita a mudanças conforme a lei eclesiástica. Cada igreja autônoma tem o direito de escolher os feriados da igreja” (pág. 601).

Quando o reino de Israel foi dividido após a morte de Salomão, o rei Jeroboão, das dez tribos do norte, logo mudou a data da festa anual de outono, do sétimo para o oitavo mês do calendário hebraico (1 Reis 12:32-33). Assim, o primeiro rei da nova dinastia israelita do norte estabeleceu um padrão de corrupção na vida religiosa da nação, o que, por fim, contribuiu para a destruição das tribos do norte pelas mãos do Império Assírio.

Ao longo da história do reino do norte, a liderança política e eclesiástica persistia obstinadamente nos “pecados de Jeroboão” (1 Reis 13:34; 15:30; 16:2-3, 19; etc.), um dos quais foi a mudança desautorizada da data de um festival religioso ordenado por Deus.

Agora é a hora de abandonar as tradições religiosas não bíblicas

Como criaturas de hábitos, podemos nos encontrar seguindo tradições que são contrárias às instruções de Deus. Quase dois mil anos atrás, Jesus Cristo disse que um grupo de religiosos devotos, os fariseus, se encontrava

nessa situação. Ele lhes disse: “Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão, porém, me honram, *ensinando doutrinas que são mandamentos de homens*. Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens . . . Bem invalidais o mandamento de Deus *para guardardes a vossa tradição*” (Marcos 7:6-9).

O fato de alguém anunciar que algo é cristão não significa que seja. Não importam quais tenham sido as nossas tradições ou arraçoamentos, a Bíblia é clara ao dizer que devemos seguir as instruções do nosso Criador quantos aos Seus dias e formas de adoração.

Em Colossenses 2:8 o apóstolo Paulo adverte: “Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo”.

Semelhantemente, uma das últimas mensagens da Bíblia revela esta advertência às pessoas envolvidas nesse grande sistema mundial que foi estabelecido para se opor a Deus: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela” (Apocalipse 18:4-5).

Nós temos uma escolha. Podemos escolher os dias de festas instituídos por Deus ou os feriados religiosos inventados por homens que foram, inconscientemente, enganados por Satanás. As escolhas que fazemos afetam nosso destino e também o nosso relacionamento com nosso Criador.

Podemos encontrar muito conforto no significado dos dias de adoração revelados na Bíblia, pois representam o plano magnífico de Deus, que vai dar a cada ser humano uma oportunidade de compreender e aceitar o Seu caminho de vida agora ou, para a maioria dos seres humanos, numa era ainda por vir. Se os seus olhos foram abertos, claramente você é responsável por fazer a escolha certa, hoje mesmo. E agora você vai agir conforme o que já sabe?

Gostaria de saber mais sobre o mundo glorioso que Jesus Cristo vai estabelecer na Terra quando retornar, o maravilhoso Reino de Deus? Dezenas de profecias

nos dizem como o mundo será totalmente transformado e toda a humanidade será educada num estilo de vida que trará paz, prosperidade e vidas produtivas.

Para entender melhor, baixe ou solicite gratuitamente o nosso livro **“O Evangelho do Reino de Deus”**

portugues.ucg.org/estudos



O Dia das Bruxas (Halloween): Uma Celebração Maligna

O que há de estranho no Halloween ou Dia das Bruxas? Os pais vestem seus filhos como monstros, vampiros, demônios, bruxas e fantasmas e incentivam-os a abordar pessoas desconhecidas para pedir-lhes doces e outras guloseimas. As pessoas decoram suas casas com imagens de gatos pretos, fantasmas, duendes e abóboras esculpidas e, às vezes, transformam seus quintais em falsos cemitérios. Os adultos também se vestem com fantasias estranhas e bizarras e vão às festas em locais decorados como masmorras ou criptas.

Por que esses costumes bizarros são tão populares? Por que alguém iria comemorar um feriado que exalta coisas mórbidas e macabras? Onde se originaram esses estranhos costumes?

Tal como acontece com o Natal e o Domingo de Páscoa, podemos traçar as raízes do Halloween (Dia das Bruxas) no distante passado do paganismo. A *Enciclopédia da Religião* diz: “Dia das Bruxas, Halloween ou Véspera do Dia de Todos os Santos [Hallows], é uma festa comemorada em 31 de Outubro, na noite anterior à festa cristã de Todos os Santos (Dia de Todos os Santos). Halloween é o nome para véspera de Samhain [pronunciado *sou-en*], uma celebração que marca o início do inverno, bem como o primeiro dia do Ano Novo dentro da antiga cultura celta das ilhas britânicas. A época de Samhain consistia da véspera da festa e também do seu próprio dia (31 de Outubro e 1 de Novembro)” (1987, pág. 176, “Halloween”).

Além do Halloween, os celtas observavam muitos outros feriados, incluindo o solstício de inverno (mais tarde transformado em Natal), os rituais de fertilidade da primavera (reintroduzidos como Domingo de Páscoa) e o Primeiro de Maio como um festival da colheita.

Quanto ao Halloween A *Enciclopédia da Religião* continua: “Nesta ocasião, acreditava-se que ocorria uma reunião de forças sobrenaturais como em nenhum outro período do ano. A véspera e o dia de Samhain eram caracterizados por um tempo em que se quebravam as barreiras entre o mundo humano e o sobrenatural. As entidades sobrenaturais, tais como as almas dos mortos, então poderiam visitar os habitantes terrestres, e os seres humanos teriam a oportunidade de penetrar nos domínios dos deuses e das criaturas sobrenaturais.

“Grandiosas ofertas e sacrifícios de animais, de plantas e, provavelmente, de seres humanos eram feitas para apaziguar os poderes sobrenaturais que controlavam a fertilidade da terra . . . Samhain reconhecia todo o espectro de forças sobrenaturais que vagavam pela Terra durante esse período” (págs. 176-177).

Neste feriado “grandes fogueiras eram acesas em colinas para

afugentar os maus espíritos . . . As almas dos mortos visitariam suas casas neste dia e o festival de outono adquiria um significado sinistro, com fantasmas, bruxas, duendes, gatos pretos, fadas e demônios de todos os tipos perambulando por toda parte. Era o tempo de aplacar os poderes sobrenaturais que controlam os processos da natureza. Além disso, o Halloween foi idealizado para ser o tempo mais favorável para as adivinhações sobre o casamento, a sorte, a saúde e a morte. E era o único dia em que se invocava a ajuda do diabo para tais fins” (*Enciclopédia Britânica*, 15ª edição, Macropédia, Vol. 4, pág. 862, “Halloween”).

Antigos costumes ainda praticados hoje em dia

Assim como o Natal e o Domingo de Páscoa, os líderes da igreja adotaram esta antiga celebração para servir a seus próprios objetivos. “Samhain continuou sendo um festival popular entre os povos celtas durante a cristianização da Grã-Bretanha. A Igreja britânica tentou desviar o interesse nesses costumes pagãos acrescentando uma comemoração cristã ao calendário na mesma data do Samhain. O festival cristão, a Festa de Todos os Santos, comemora os santos conhecidos e desconhecidos da religião cristã, assim como no Samhain também se reconhecia e se prestava homenagem às deidades celtas” (A *Enciclopédia da Religião*, pág. 177, “Halloween”).

Muitas das antigas práticas do Halloween ainda são observadas atualmente. A brincadeira da maçã originalmente era uma forma de adivinhação (predizer a sorte) para saber sobre futuros casamentos. A primeira pessoa que mordesse a maçã acreditava-se ser a primeira a se casar no ano seguinte . . . O Jack Lanterna [a abóbora iluminada] . . . representava um vigilante da noite de Halloween ou um homem preso entre a terra e o mundo sobrenatural” (*Durante o Ano Todo: As Festas e As Celebrações na Vida Norte-americana*, Jack Santino, 1994, pág. 26).

A Bíblia condena o ocultismo

Embora alguns possam achar que o simbolismo demoníaco e a adivinhação associada ao Halloween sejam uma diversão inofensiva, a Bíblia revela a existência de espíritos malignos, liderados por Satanás, o diabo, a quem Deus responsabiliza pelo grande sofrimento e tristeza infligida à raça humana. Apocalipse 12:9 fala do “grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás . . . que engana todo o mundo”.

O nome Satanás, dado a ele na Bíblia, significa adversário ou inimigo. O apóstolo João nos diz que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 João 5:19, ARA). Satanás e os outros anjos caídos (demônios) tentam manter, a todo tempo, a humanidade espiritualmente cega, afastando-a para muito longe do seu incrível destino como parte da família de Deus.

Como um Pai amoroso, Deus nos ordena a evitar as coisas que possam nos prejudicar. Em relação ao mundo espiritual, veja o que Deus diz ao Seu povo: “Não vos virareis para os adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Levítico 19:31).

Além desse mandamento para se afastar das práticas que dizem respeito aos maus espíritos, Deus advertiu a Israel para que evitasse qualquer tipo de práticas de ocultismo: “Entre ti se não achará . . . nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR” (Deuteronômio 18:10-12).

Deus chamou o Seu povo a um nível diferente. Em vez de superstições e mitos, Deus nos diz para olhar para Ele em busca de bênçãos, de guia e do futuro.

As celebrações modernas do Halloween podem parecer bastante inofensivas, mas as implicações espirituais de brincar com o mundo espiritual são extremamente graves. A cartomancia, o tabuleiro de Ouija, a astrologia, o vodu, a clarividência, a magia negra e outros semelhantes podem ser relacionados ao ocultismo, às forças satânicas ou à adoração de fenômenos naturais, que são proibidas nas Escrituras.

Jesus Cristo nos diz que “o primeiro e grande mandamento” é amar o nosso Criador “de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mateus 22:37-38). Somente Deus dá a vida e todas as coisas boas. Reconhecer falsos deuses, e imitar as práticas de adoração a eles, é uma atitude inaceitável e idólatra.

Um Choque Cultural na Antiguidade

Há 2.600 anos, três jovens, Sadraque, Misaque e Abede-Nego, enfrentaram uma crise cultural, quando foram ordenados a demonstrar respeito a um deus falso.

Depois de sua terra natal, Judá, ter sido conquistada pelo Império Babilônico, os três foram levados à Babilônia, para serem treinados para servir ao governo do rei Nabucodonosor (Daniel 1:1-7). Eles estavam numa posição vulnerável num reino em que o monarca governava com poder absoluto.

O rei tinha construído uma imagem idólatra de ouro e ordenou que todos prestassem honra à sua criação, ajoelhando-se diante da estátua (Daniel 3:1-7). Embora alguns possam ter arrazoado que devem demonstrar respeito ao governante, aceitando alguns dos seus cos-

tumes, Sadraque, Misaque e Abede-Nego estavam determinados a demonstrar respeito somente a Deus e se recusaram a cumprir o decreto.

Eles sabiam que, por sua decisão, estavam correndo o risco de serem jogados no “forno de fogo ardente” (versículos 6, 12-15), mas permaneceram firmes em sua convicção. Quando o momento da decisão chegou, o rei ordenou-lhes pessoalmente que demonstrassem respeito à sua imagem idólatra, então eles responderam: “Rei Nabucodonosor: Não precisamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará do forno de fogo ardente e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (versículos 16-18).

Estes jovens corajosos estavam dispostos a entregar suas vidas, se necessário, para demonstrar lealdade a Deus. Por se agradar da devoção deles, Deus poupou suas vidas num poderoso e milagroso testemunho a Nabucodonosor (versículos 19-30). A fé e a fidelidade desses jovens continuam sendo um exemplo perene de respeito a Deus. O exemplo deles tem que servir de inspiração a todos nós para honrarmos ao nosso Criador para que possamos ter igual lealdade e dedicação.

O Prazer em Obedecer a Deus

Alegria e a paz de espírito vêm das escolhas certas, de saber que você está obedecendo conscientemente à instrução de Deus contida nas páginas da Bíblia.

Antes da época do rei Josias de Judá, os pergaminhos que continham o Livro da Lei tinham sido perdidos, juntamente com o conhecimento das festas de Deus. Mas Hilquias, o sumo sacerdote, achou um desses pergaminhos, e Safã, o escriba, o leu na presença do jovem Josias. O rei arrependeu-se imediatamente e restaurou o verdadeiro culto a Deus de acordo com a instrução que encontrara no pergaminho.

Um dos primeiros passos de Josias, ao restaurar a adoração correta de Deus, foi observar a Páscoa e os Dias dos Pães Asmos. Por um tempo todo o país compartilhou do fervor virtuoso do jovem rei, e uma observância nacional da festa se seguiu como não tinha sido visto há séculos (2 Crônicas 34-35).

Mais tarde, naquele mesmo espírito de obediência e de alegria por celebrar a festa, ele purificou os assentamentos judeus na Terra Santa durante os dias de Esdras e Neemias. E não foi apenas o povo que desfrutou dos aspectos físicos desses dias, mas também toda a nação recebeu uma compreensão renovada da Palavra de Deus (Neemias 8:9-12).

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ

Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
<http://www.ucg.org/beyond-today>

e-mail: info@ucg.org

Autor: Igreja de Deus Unida

Contribuidores editoriais: Scott Ashley, John Ross Schroeder

Revisores editoriais: John Bald, Roger Foster,
Paul Kieffer, Gerhard Marx, Burk McNair

Capa: Ilustração fotográfica por Shaun Venish/PhotoDisc

Design: Michelle Vautour

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capa da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <http://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.